

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO
COMUNICAÇÃO SOCIAL – HABILITAÇÃO JORNALISMO

MARIANA GUAZZELLI COSTA

**Elementos da crítica no jornalismo cultural: análise das críticas musicais da
Revista Bula entre 2020 e 2022**

Porto Alegre
2023

MARIANA GUAZZELLI COSTA

**Elementos da crítica no jornalismo cultural: análise das críticas musicais da
Revista Bula entre 2020 e 2022**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial à obtenção do grau de Bacharel em Jornalismo.

**Orientadora: Prof.^a Dr.^a Aline do Amaral Garcia
StreLOW**

Porto Alegre
2023

MARIANA GUAZZELLI COSTA

**Elementos da crítica no jornalismo cultural: análise das críticas musicais da
Revista Bula entre 2020 e 2022**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da
Universidade Federal do Rio Grande do Sul como
requisito parcial à obtenção do grau de Bacharel em
Jornalismo.

BANCA EXAMINADORA:

Prof.^a Dr.^a Aline Strelow - UFRGS
Orientadora

Prof.^a Dr.^a Cida Golin - UFRGS
Coorientadora

Prof. Dr. Felipe Oliveira - UFRGS
Examinador

Ms.^a Ana Laura Colombo de Freitas - UFRGS
Examinadora

AGRADECIMENTOS

À minha família, em especial à minha mãe, Patrícia, por todo o apoio e amor incondicional durante todos os meus anos de curso, sempre me incentivando a crescer como profissional.

Ao meu melhor amigo Rafael por tantas vezes ter sentado comigo e me ajudado a encontrar o melhor caminho para iniciar este trabalho.

À minha melhor amiga Vivian que me disponibilizou a sua casa como lugar para trabalhar quando a minha não estava em condições.

À minha amiga Carol por me aguentar e apoiar em tantos momentos de crise durante este trabalho.

À minha querida orientadora Cida por toda a paciência, pela orientação e por tornar possível a realização deste trabalho.

RESUMO

Essa monografia analisa uma seleção de críticas publicadas na seção de música da *Revista Bula*, entre os anos de 2020 a 2022. O objetivo geral desse trabalho é identificar os elementos que caracterizam uma crítica de música dentro dos textos publicados pelo veículo. Estabelecemos como objetivos específicos mapear e classificar os textos de crítica musical da *Bula*; identificar, por meio de três categorias, a estrutura dos textos que compõem o nosso *corpus* e apontar e discutir as semelhanças entre as críticas analisadas. Para criar uma base teórica para a pesquisa, a monografia inicia com uma revisão bibliográfica sobre o conceito de crítica, trabalhando desde as suas funções em diferentes áreas, até o seu papel no jornalismo musical. Em seguida, também através da revisão bibliográfica, ilumina o conceito de jornalismo cultural, para então, adicionada de uma descrição empírica, apresentar o nosso objeto de estudo. Por meio da análise de conteúdo, foram analisados 12 textos publicado pela *Revista*, os quais foram selecionados entre os 54 textos publicados na respectiva seção nos últimos três anos, a partir de três categorias, *sobre o que fala, como fala e para quem fala*. A análise nos permitiu concluir que as críticas publicadas pela *Revista Bula*, apesar dos diferentes autores, possuem uma estrutura semelhante, apresentando contextualização histórica, voz pessoal do autor e intenção de orientar o consumo do leitor. Em questão de conteúdo, os textos apenas reiteram temas já presentes no mercado cultural, trazendo pouca diversidade de opiniões. Além disso, a sua maioria tem gancho temporal e são voltados para um público já detentor de repertório cultural.

Palavras chave: crítica. crítica musical. jornalismo cultural. música. *Revista Bula*.

ABSTRACT

This monograph analyzes a selection of reviews published in the music section of the *Revista Bula*, between the years 2020 and 2023. The general objective of this work is to identify the elements that characterize a music criticism within the texts published by the vehicle. We established as specific objectives to map and classify the music criticism texts of *Bula*; to identify the discursive structure of the texts that make up our *corpus* and to point out and discuss the similarities between the analyzed reviews. To create a theoretical basis for the research, the monograph begins with a literature review on the concept of criticism, working from its functions in different areas, to its role in music journalism. Next, also through a bibliographical review, it illuminates the concept of cultural journalism, and then, added to an empirical description, presents our object of study. Through content analysis, 12 texts published by the magazine were analyzed, which were selected among the 54 texts published in the respective section in the last three years. The analysis allowed us to conclude that the reviews published by *Revista Bula*, despite the different authors, have a similar structure, presenting historical contextualization, personal voice of the author and the intention to guide the reader's consumption. In addition, most texts have some temporal hook and are aimed at an audience that already has a cultural repertoire.

Keywords: criticism. music criticism. cultural journalism. music. *Revista Bula*.

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Nacionalidade dos artistas e bandas citados	43
Gráfico 2 - Gêneros musicais abordados nos textos	44
Gráfico 3 - Críticas que apresentam voz pessoal	46

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Críticas que compõem o <i>corpus</i> da pesquisa	35
Quadro 2 - Artistas ou bandas citados e gêneros	42

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	09
2 CRÍTICA E JORNALISMO MUSICAL	12
2.1 A história do conceito de crítica	12
2.2 Crítica enquanto gênero jornalístico	15
2.3 Crítica de música e jornalismo	17
3 JORNALISMO CULTURAL A HISTÓRIA DA REVISTA BULA	22
3.1 O segmento do jornalismo cultural	22
3.2 Elementos históricos do jornalismo cultural	24
3.3 A Revista Bula: gênese e características	26
4 ANÁLISE DAS CRÍTICAS MUSICAIS DA REVISTA BULA	34
4.1 Análise de conteúdo	34
<i>4.1.1 Sobre o que fala</i>	38
<i>4.1.2 Como Fala</i>	45
<i>4.1.3 Para quem fala</i>	50
4.2 Considerações gerais sobre as categorias	53
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	55
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	58
APÊNDICE A	62

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho se propõe a investigar a forma como se escreve uma crítica de música dentro do jornalismo cultural, a partir dos textos publicados pela *Revista Bula* em sua seção de música. A escolha por esse tema se deu a partir de uma curiosidade em compreender melhor um gênero que não fora abordado durante os meus cinco anos de curso. Tal interesse veio de um desejo de infância de ser cantora, do qual uma série de obstáculos me levaram a deixar de lado. Essa mudança de planos me levou a optar pelo Jornalismo como uma forma alternativa de trabalhar próxima da minha área de interesse.

Ao entrar na UFRGS, percebi muito pouca presença do jornalismo cultural, nas disciplinas que estão disponíveis aos alunos, principalmente no escopo da crítica. A partir da carência de instrução na área, que senti enquanto estive na universidade, surgiu meu interesse em estudar esse tema com mais afinco, de modo a entender como são escritos os seus textos.

Por sugestão da professora Cida Golin, optei por direcionar a minha pesquisa para os textos da *Revista Bula*, um veículo online dedicado exclusivamente ao segmento para o jornalismo cultural. Além de ser voltada para área de interesse da pesquisa, a *Revista* está hospedada no portal R7, pertencente ao Grupo Central Record de Comunicação, o que lhe traz um certo prestígio dentro do jornalismo. Além disso, ainda no ano de 2023 a revista completa 20 anos desde a sua criação.

Durante a pesquisa, encontrou-se muito pouco conteúdo sobre o periódico. Por conta disso, consideramos a realização de uma entrevista com o editor da *Bula*, a qual acabou não ocorrendo devido à falta de retorno ao nosso pedido. Devido à ausência de literatura sobre o objeto, escolhemos fazer uma descrição empírica do objeto de estudo, com informações levantadas a partir da observação do veículo durante um período de nove dias.

Considero esta monografia uma contribuição para a formação de um repertório de estudos sobre os periódicos de jornalismo cultural online, aquelas publicações que já nasceram no digital, como é o caso da *Revista Bula*. Ao mostrar a estrutura editorial do veículo, sistematizar dados de sua história e a forma como exerce a crítica na seção de música, esse trabalho pode servir como referência para futuras análises sobre a *Revista*.

Além disso, por buscar entender os aspectos da construção de uma crítica musical, essa pesquisa pode contribuir para o entendimento desse gênero jornalístico, não somente no escopo da música, mas também em estudos realizados em outros temas do jornalismo cultural. Ao determinar os elementos utilizados na redação da crítica musical, acreditamos que servir como um auxílio para o jornalista que deseja começar a trabalhar nessa área.

O problema da pesquisa se inicia a partir da compreensão da crítica como um texto jornalístico e sobre o papel que exerce no mercado da música. Segundo, Junior e Nogueira (2010), a crítica encontra-se associada a uma parte da indústria editorial que se garante como importante para o consumo da música.

Tendo em vista a importância que a crítica musical possui, torna-se também importante entender como a mesma é feita. A partir disso, surgiram as seguintes questões: Como escrever uma crítica musical? O que caracteriza uma crítica? Quais veículos publicam críticas musicais?

Sendo assim, o problema da presente pesquisa é voltado para a produção de uma crítica musical, no seu formato mais tradicional, o escrito. Assim, podemos resumir o problema de pesquisa na seguinte pergunta: Que elementos textuais podem ser apontados na revista *Bula* para caracterizar uma crítica musical?

Dessa forma, o objetivo geral deste trabalho é identificar os elementos que caracterizam a construção textual de uma crítica de música dentro dos textos publicados pela *Revista Bula*. Para atingir isso, foram definidos três objetivos específicos. O primeiro foi mapear e classificar os textos de crítica musical da *Bula*. Em seguida, por meio de três categorias, identificar a estrutura dos textos que compõem o nosso *corpus*. Por fim, apontar e discutir as semelhanças entre as críticas analisadas.

Para isso, utilizamos Análise de Conteúdo sobre 12 textos críticos de música, publicadas pela *Revista Bula* entre os dias 13/07/2020 a 31/01/2023. Os textos estão disponíveis no site da revista, na seção de música. No plano metodológico, ainda utilizaremos a pesquisa bibliográfica, fazendo uso de leituras sobre crítica em geral, crítica musical e jornalismo cultural.

Este trabalho foi dividido em quatro partes. No capítulo seguinte, é feita uma contextualização do que entendemos como crítica, passando pelo conceito geral de crítica, pela crítica enquanto gênero jornalístico até chegarmos na crítica musical.

Essa caracterização tendo como referências estudos de Bornheim (2000), Braga (2006), Bollos (2005), Nestrovski (2000) Freitas (2011) e Cousin (2020), entre outros.

No terceiro capítulo desta monografia, trabalhamos o jornalismo cultural, buscando compreender a sua história e o conceito por trás desta área. Aqui recorreremos às reflexões de Piza (2004), Gadini (2009), Golin e Cardoso (2010), entre outros. Neste capítulo, também buscamos conhecer e apresentar o nosso objeto de estudo, visando compreender o que é a *Revista Bula* e onde as críticas analisadas estão inseridas. Nesta parte, a maioria das informações foram de reportagens e uma entrevista de Carlos Willian Leite, editor da revista, concedida a Simião Mendes em 2015, somadas a uma descrição empírica do veículo.

No quarto capítulo, nos debruçamos sobre as 12 críticas selecionadas, empregando o método de análise de conteúdo conforme as ideias de Bardin (1977) e Herscovitz (2007). Tendo em vista os objetivos deste trabalho, foram propostas três categorias para serem aplicadas aos textos escolhidos, sendo elas: *sobre o que fala, como fala e para quem fala*.

No último capítulo, destinado às considerações finais, visamos responder às questões iniciais desta pesquisa. Aqui apontamos as semelhanças entre os textos, buscando entender como os colaboradores da *Revista Bula* escrevem seus textos. Para isso levamos em consideração a estrutura textual, a linguagem e a forma como deixam as suas experiências e opiniões transparecerem, montando assim, um padrão para as publicações deste gênero no veículo.

2 CRÍTICA E JORNALISMO MUSICAL

Para iniciarmos uma discussão sobre os elementos que caracterizam uma crítica musical, é necessária a fundamentação de uma base teórica a partir de estudos desenvolvidos em diversos campos do conhecimento. Neste primeiro capítulo, vamos apresentar um breve panorama histórico da crítica em um geral, bem como uma explicação do conceito de o que é a crítica. Em seguida buscaremos nos concentrar na crítica como gênero jornalístico, apresentando suas características e funções. Por fim, será abordado um estudo mais específico da crítica musical ainda dentro do campo jornalístico, situando seu contexto histórico e apresentando os quesitos necessários para a sua produção e entendimento.

2.1 A história do conceito de crítica

Segundo o dicionário Aurélio (2005), a palavra "crítica", derivada do grego "kriktós", é a arte ou faculdade de julgar produções de caráter literário, artístico ou científico. Etimologicamente, ela também tem origem na palavra grega "krinein", a qual tem como sentido "separar para distinguir". Do ponto de vista filosófico, a crítica também está relacionada ao ato de colocar em crise, qualificando o que constitui ou refere-se ao objeto dessa última (Durozoi e Roussel, 1993). Considerando as definições acima, e também o argumento da musicóloga Liliana Harb Bollos (2005), podemos acreditar que para tornar possível a interpretação de uma obra, a crítica deve fragmentá-la, colocando em crise a ideia que temos do objeto em questão.

Renato Janine Ribeiro (2000), ao apresentar a obra do filósofo Gerd Bornheim¹, destaca que o filósofo recorda outra possibilidade da origem etimológica da palavra "crítica", podendo ser derivada do verbo grego "krino", que significa "escolher". O autor também afirma que as palavras *crítica*, *crise* e *critério* possuem a mesma etimologia, dando abertura para a discussão entre a relação das duas primeiras palavras. Nos dias de hoje, existe uma tendência de realçar somente o sentido negativo da crise, "ao tratar dela, sobretudo na economia ou no amor, enfatizamos o que tem de ruim e sonhamos com aquele bom momento, passado ou futuro, em que tudo esteve ou estará em seu devido e calmo lugar" (RIBEIRO, 2000, p. 31). Nesse momento, o autor

¹ Ribeiro fez a apresentação de Gerd Bornheim, no ciclo de palestras que compuseram o programa Rumos Literatura do Itaú Cultural, realizado em 1999.

tenta explicar que ao proceder dessa forma, podemos acabar nos perdendo do sentido mais forte do étimo da palavra, o sentido positivo.

Assim como, para o sentido de crise, essa interpretação também pode ser associada à crítica. Como aponta Ribeiro (2000), nos dias de hoje, a crítica é popularmente vista como algo negativo, na qual a sua função seria a de apontar os defeitos do objeto em questão, interpretado com base em critérios pré estabelecidos. Trabalhando com o campo da arte, o autor ainda evidencia a necessidade de que entendamos a criação artística e a crítica como um conjunto, e não essa última como um mero parasita da primeira. Para isso, ele destaca que na crítica há uma escolha e há uma criação, que criticar é entrar na crise, não é se fazer de critérios prontos e sim criar novos. Além disso, também lembra que, assim como a arte, a crítica busca criar um ponto de vista novo e com base na experiência, não em uma moral prévia e já pronta.

Levando em consideração uma perspectiva histórica, a crítica, na forma em que estudamos neste trabalho, pode ser bem mais recente do que imaginamos. Levando em consideração a crítica da arte, Bornheim (2000) aponta que, ainda que tenha alguns fundamentos na filosofia da Grécia antiga, não é este o momento de início da crítica como conhecemos. Como exemplo, o autor traz nomes como Aristóteles e Platão. Para ele, não há sentido em considerar a *Poética* de Aristóteles como uma crítica da tragédia grega, tendo em vista que essa se mostra apenas como um levantamento das partes que compõem o espetáculo da tragédia. Da mesma forma, o autor aborda o momento em que Platão critica a poesia de Homero, apontando que o filósofo não discute a especificidade da arte do poeta, mas a ordenação de uma certa pedagogia. Bornheim ressalta que a crítica se estabelece de forma totalmente original na perspectiva moderna.

A origem da crítica moderna, portanto, data desde a consolidação da burguesia nas sociedades europeias dos séculos XVII e XVIII, marcados pelos salões, cafés e clubes, nos quais os membros dessa classe em ascensão buscavam discutir e praticar a crítica sobre a literatura e as artes (BARROS, 2003). Da mesma forma, para Bornheim (2000), o início da crítica veio com a própria evolução da arte e a sua emancipação do espaço sagrado da religião. Foi o período marcado pela transição entre os estilos barroco e o rococó, quando a arte começava a questionar o seu próprio cerne e se afastava do propósito de ser um lugar privilegiado de manifestação das verdades divinas. Segundo o autor, essa separação da religião, abre um novo

caminho para a arte, para a transformação do seu sentido de verdade, e é quando começam a surgir os primeiros traços da subjetividade. Bornheim destaca que essa evolução com o tempo leva a uma nova crise, desta vez alimentada pela ausência do elemento religioso que, até então, proporcionava ao público um entendimento da arte no seu cerne. Essa ausência começa a impossibilitar a comunicação direta entre a arte e o público, e é neste momento que surge a crítica, buscando elucidar os significados subentendidos da obra. Em resumo, "a crítica vive da morte da comunicação [entre o público e o artista]" (ibidem, p. 39). Leenhardt (2007) complementa essa perspectiva afirmando que a crítica, desde os salões de Diderot, assume uma postura de mediação. Essa postura se mostra necessária para dar conta de uma arte que está constantemente rompendo com o estado atual do gosto, ou seja, com a capacidade de compreensão normalmente apresentada pelo público.

Para contextualizar o nascimento da crítica e a sua necessidade na comunicação entre arte e público, podemos trazer como exemplo a música de Beethoven (1770 - 1827). Nestrovski (2000), aponta que foi a dificuldade do público em entender as últimas obras do compositor que levou E.T.A. Hoffmann (1776 - 1822) a escrever os primeiros ensaios de interpretação musical. O autor então ressalta que a busca pela compreensão é o verdadeiro ponto de partida e chegada da crítica.

De acordo com Cidreira (2020, p.199), "os críticos ajudam o leitor a esclarecer as potencialidades mal elucidadas numa situação de desorientação frente a uma obra". Em uma linha de pensamento parecida, Nestrovski destaca que é papel do crítico "identificar o que compõe uma obra; questionar, onde necessário, nossos hábitos de compreensão; e situar suas interpretações no contexto mais amplo da cultura, sem perder o senso de urgência" (2000, p. 10). Sendo assim, a crítica serve como um apoio, um complemento para a compreensão do leitor, como reforça Bollos (2005) ao ressaltar que o aspecto mais importante de uma crítica é "discorrer sobre a obra em si, sem se ater a formulações externas que nada contribuem para o entendimento e esclarecimento da obra analisada" (2005, p. 271).

Há quem diga que a crítica está além de um mero complemento. No ensaio *O crítico como artista*, de 1891, Oscar Wilde, seguindo os preceitos estéticos de sua época, observa, ainda que de forma exagerada, que a crítica também pode ser um produto artístico.

A crítica é por si mesma uma arte. E da mesma maneira que a criação artística implica o funcionamento da faculdade crítica, sem a qual não poderia dizer-se que existe, assim também a Crítica é realmente criadora no mais alto sentido da palavra. [...] Na verdade, eu definiria a crítica dizendo que é uma criação dentro de uma criação. [...] Mais ainda: a crítica elevada por ser uma forma mais pura de impressão pessoal, a meu ver em seu gênero, é, a seu modo, mais criadora que a criação, porque tem menos relação com um modelo qualquer exterior a ela mesma e é, na realidade, sua própria razão de existência e, como afirmavam os gregos, um fim em si mesma e para si mesma. (WILDE, 2007, p. 1129 - 1130)

Ainda assim, Wilde (2007) também defende a ideia da crítica como uma ponte para a comunicação entre a arte e o público, afirmando que o crítico é o responsável por transmitir ao público o desvendamento da beleza contida na obra. Para o autor, o crítico também deve ser considerado um artista, produzindo uma nova obra, a partir de outra já existente, revelando os mistérios da mesma.

As questões discutidas acima, trabalham a crítica em um cenário ainda generalizado. Ainda no século XVIII, a crítica passa a ganhar espaço na imprensa, dando surgimento ao jornalismo de opinião (SILVA, 2001), com o papel de legitimador das criações artísticas. Como trataremos a seguir, a crítica, ainda que estando presente em diferentes campos de conhecimento, também existe como um gênero do jornalismo, possuindo funções e características próprias que a classificam como tal.

2.2 Crítica enquanto gênero jornalístico

Mesmo que presente em diversas áreas de estudo, a crítica também pode ser trabalhada como um gênero jornalístico. Para isso, seguindo o pensamento de Freitas (2011), é importante considerarmos as diferenças entre a crítica acadêmica e a crítica adaptada aos jornais. Neste caso, a autora aponta que a primeira obedece às normas do campo científico – fazendo uso de uma abordagem teórico metodológica objetiva, além da linguagem formal e especializada. Enquanto isso, a segunda sofre as influências do campo jornalístico, obedecendo à exigência da clareza para possibilitar a comunicação com um público heterogêneo, sendo feita por diletantes ou jornalistas especializados e legitimada com função avaliadora. A crítica jornalística também sofre com algumas outras limitações, como o espaço disponível na publicação, o seu agendamento por eventos e lançamentos ou uma certa urgência gerada pela periodicidade da publicação. Dessa forma, ela se mostra atrelada ao valor básico do jornalismo da atualidade, como constata Braga (2006). Para evidenciar isso, o autor

destaca que “a crítica jornalística pode ser caracterizada como um gênero vinculado ao presente”, evidenciando que a crítica jornalística, assim como em outras áreas do jornalismo, tem a atualidade como um aspecto central para a sua produção (2006, p. 210) .

Para Braga (2006), esse reconhecimento da crítica como “gênero” aponta a existência de um consenso sobre a forma de falar sobre um objeto, destacando que apesar de diferentes entre si – tanto em teor quanto em alcance – as falas desse tipo de texto ainda se reconhecem em estruturas semelhantes. O autor aponta que esse modo de falar característico da crítica, é uma das principais razões para a popularidade do gênero. Essa presença de uma linguagem própria na crítica jornalística é reforçada por Freitas (2011), ao destacar que a crítica nasceu no espaço jornalístico mantendo características do diálogo face a face.

Segundo Freitas e Golin (2011, p. 54) “se o espaço jornalístico já é lugar de disputa por visibilidade, o da crítica é legitimador por excelência de obras e produtores”. Esse poder qualificador dá à crítica a capacidade de influenciar diretamente na relevância que a obra em questão tem no mercado cultural, bastando apenas o fato de estar sendo avaliada, para atribuir algum valor à mesma, independentemente do juízo ser positivo ou negativo.

Ao considerarmos as ideias de Cousin (2020), podemos interpretar que, dentro de um senso comum, uma crítica positiva sempre exercerá uma influência maior do que uma negativa. Isso se justifica, principalmente se levarmos em consideração que a sua influência, como aponta o autor, agrega à obra tanto um valor simbólico quanto econômico. Ainda que a sua própria menção pelo crítico já traga uma certa visibilidade e desperte no público algum interesse pela obra, a crítica positiva oferece uma vantagem ao artista em questão, uma vez que:

Ser reconhecida como a ‘Melhor’ em determinada área, por exemplo, por uma figura ou instituição renomada, atribui a uma obra elevado valor simbólico, colocando-a em evidência e em posição favorável para contemplação se comparada com outros produtos que não receberam a mesma distinção. Ainda que possa acontecer de maneira indireta, identificar uma obra como ‘melhor’ do que outras é uma maneira de indicá-la para o consumo, de forma que essa classificação pode ser muito cobiçada pelos agentes de produção cultural (COUSIN, 2020, p. 58).

A partir desse caráter legitimador, Junior e Nogueira (2010) apontam que a crítica tem como função informar sobre o que está em circulação no mercado cultural.

Ela também define o que é novo e documenta a história. Além disso, os autores consideram que, fazendo uso da análise de obras de acordo com os padrões de determinada comunidade, a crítica também tem como função reforçar a identidade do grupo em questão.

Para que os pontos apresentados acima sejam alcançados, Cousin (2020) aponta ser indicado que o crítico, seja ele jornalista ou não, apresente justificativas sólidas na sua argumentação, de modo a embasar a sua interpretação e a legitimação da obra selecionada. O autor também comenta que essa argumentação mais aprofundada é possível para o crítico, em razão de o mesmo possuir uma formação mais especializada.

Na mesma linha, Braga (2006) destaca que, para dar fundamento à sua análise, o crítico de jornal deve possuir um gosto apurado pelo consumo diversificado do tipo de arte em questão, de modo a ser capaz de refletir sobre suas próprias impressões. Dessa forma, o autor destaca que “se podemos assumir que esse sujeito tem experiência, sensibilidade, conhecimento diversificado, podemos apreciar e compreender suas impressões e manifestações de gosto, independentemente de compartilharmos idênticas reações” (2006, p. 214).

Segundo Nestrovski “a crítica expressa, sem dúvida, alguma coisa de gosto pessoal, tanto quanto guarda (ou deveria guardar) algo de objetivo e informativo também. Mas ela é mais do que opinião e reportagem e mais do que a soma dos dois. O crítico não está só defendendo uma escolha; o que interessa é a natureza dessa escolha” (2000, p.10). Ao refletir sobre as palavras de Nestrovski, Bollos (2005) aponta que a crítica não deve se posicionar contra ou a favor do objeto de estudo, mas sim ao lado deste. Para a musicóloga, ao defender a sua escolha, o crítico precisa apresentar, acima do seu gosto pessoal, algum conhecimento sobre o assunto em questão. Em seus artigos, tanto Nestrovski quanto Bollos discorrem especialmente sobre a crítica musical, assunto que trabalharemos a seguir.

2.3 Crítica de música e jornalismo

Segundo Oliveira (2011), ainda que aparecendo pela primeira vez em periódicos no final do século XVII, a crítica musical só entrou para o jornalismo diário nas primeiras décadas do século XIX. Com a ascensão da música popular, diversas revistas especializadas no assunto começaram a se espalhar pelo mundo, como

Billboard (EUA,1894), *Melody Maker* (Inglaterra, 1926), *Rolling Stone* (EUA, 1967). Entretanto, o autor reforça que foi só no século XX que esse gênero de revista começou a surgir no Brasil, como consequência de um surgimento tardio da imprensa. Acompanhando as ideias de Oliveira, Silva (2019) destaca que as primeiras revistas segmentadas se estabelecem no Brasil em meados dos anos 1950, dando destaque para a *Revista da Música Popular* (1954-56), a *Pop* (1972-78), a *Somtrês* (1979-89) e a *Bizz* (1985- 2007). Além disso, a autora também menciona o canal *MTV*, que chegou ao Brasil nos anos 1990.

Como mencionado anteriormente, Nestrovski aponta que a crítica musical surgiu no século XIX para dar conta da música de Beethoven, com o objetivo de suprir a dificuldade do público de entender as últimas obras do compositor. Nesse sentido, o Dicionário Grove de Música caracteriza a crítica musical como “a expressão, em palavras de julgamentos sobre aspectos da arte da música” (SADIE, 1994, p.36). Da mesma forma, Junior e Nogueira percebem a mesma como uma “forma de comunicação híbrida”. Os autores atribuem a ela o objetivo de “aliar à descrição verbal da música aos posicionamentos sociais e distintivos que os gêneros e as expressões musicais possibilitam aos consumidores de música” (2010, p. 2).

Além das funções atribuídas à crítica anteriormente neste capítulo, podemos adicionar mais uma com relação à crítica musical. Ao tratar sobre o jornalismo produzido a partir do mundo da música, Nogueira (2011) confere a este o título de “imprensa musical”, destacando referir-se a publicações especializadas com o objetivo de orientar o consumo. Sendo assim, a crítica pode ser caracterizada como uma espécie de guia, como afirmam Junior e Nogueira:

Mesmo quando praticada em outros suportes – como livros, sites, blogs, programas de televisão e de rádio – as atividades relacionadas tanto ao jornalismo quanto a crítica permanecem em biografias, guias de consumo – as “paradas de sucesso” –, reportagens, notícias sobre celebridades e a indústria da música, além da avaliação de produtos. Isso mostra que antes de ser uma atividade pontual, restrita aos exercícios de julgamento de valor, a crítica está associada a uma parte da indústria editorial que se afirma de maneira importante no entorno comunicacional do consumo da música (JUNIOR e NOGUEIRA, 2010, p. 3).

Reforçando essa ideia, Silva (2014) caracteriza os jornalistas de música como os “gatekeepers” do gosto. Em um pensamento semelhante, também abordando o conceito de gatekeeper, Junior e Nogueira (2010) apontam que a base da crítica se encontra nessa mesma teoria, atribuindo que o trabalho do crítico se aproxima do

trabalho de filtragem feito por ferramentas de recomendação. Sendo assim, ambos os textos atribuem à crítica, a partir da filtragem de conteúdos, a função de formação de gosto.

Como consequência dessa função orientadora, Freitas (2011) aponta que esse ato de escolha de quais produtos irão ou não aparecer nas páginas do jornal, acaba por interferir no consumo dos bens culturais. Da mesma forma, Nogueira (2011) destaca que, o simples fato de um álbum ser encartado em uma revista, já é considerado um critério de valor, pois, ao facilitar a circulação do produto, o veículo já deixa clara a mensagem de que aquele é um álbum que vale a pena ser ouvido. Essa influência da mídia acaba gerando um certo impacto, como explica Nogueira (2011) ao citar o caso da extinta revista *OutraCoisa*², de modo que proporciona a artistas que não conseguem espaço nas principais gravadoras uma oportunidade de entrarem no mercado de uma forma tradicional.

Ao considerar a crítica escrita nos meios de comunicação, Oliveira (2011) destaca que o crítico de música deve seguir certos padrões. O autor aponta que, para redigir o seu texto, o crítico deve se atentar ao perfil do público para qual se dirige e aponta dois importantes fatores. O primeiro é de que o crítico, com base no seu conhecimento da área, deve firmar o seu compromisso com a música, definindo o que é bom e ruim na sua visão. Já no segundo, ele deve firmar o seu compromisso com o seu público, buscando informá-lo sem apresentar uma postura professoral. Além disso, “o crítico deve estar consciente de que, pela natureza da sua função, incorpora elementos de descrição e avaliação referente ao que irá avaliar” (ibidem, p. 13).

Ainda pensando nas obrigações do crítico, podemos considerar as ideias de Cidreira (2020) que destaca a importância da experiência. A autora aponta que, para fazer a sua interpretação, o crítico deve passar pela mesma experiência do receptor, mas não de modo ingênuo como este. Ele também deve executar a obra, ou seja, experimentá-la, mas esta execução deve ser feita com uma consciência metodológica, ciente da ideia original que o artista teve para a obra. Somente a partir desta experiência, que o crítico poderá fazer a sua interpretação.

² Criada pelo músico Lobão, a revista *OutraCoisa* foi lançada pela L&C Editora em 2003 e se manteve por cinco anos. A revista vinha com um CD encartado, com a intenção de aproveitar a não-tributação sobre brindes de revistas da época, para oferecer os álbuns de artistas iniciantes ou independentes a preços acessíveis. Com isso, a revista *OutraCoisa* foi responsável pelo lançamento de inúmeros artistas, como Cachorro Grande, Mombojó, Carbona e Vanguard (MORAIS, 2018).

Em geral, a crítica musical deve apresentar certas características no corpo de seu texto. No texto, o crítico deve descrever as percepções musicais do artista em questão, as quais podem ser comparadas com ideais próprios derivados da experiência de interpretações prévias. Além disso, também deve apresentar alguma descrição do estilo e a adequação técnica do produto avaliado (SADIE, 1994).

Apesar de seguir certos padrões, Ferreira e Kimori (2017) lembram que o texto crítico, assim como qualquer escrita, nunca será totalmente neutro e objetivo, pois de alguma forma o crítico sempre deixa o seu parecer. Complementando essa linha de pensamento, Cidreira destaca que o julgamento de uma obra de arte não deve ser uma tarefa intelectual e fria, uma vez que o julgamento é afetado tanto pelas emoções quanto pelos pensamentos (BARRETT, 2014, apud CIDREIRA, 2020).

Sendo assim, com a música, assim como qualquer outra arte, sempre de portas abertas para diferentes interpretações, a crítica assume o papel de guiar o público por suas próprias análises, uma vez que:

Qualquer julgamento crítico tem probabilidades de incluir um elemento subjetivo, e é parte da tarefa do crítico deixar claro quais não são, dando assim ao leitor algum espaço para formar suas próprias opiniões ou, pelo menos para estabelecer limites dos quais seu gosto e seu julgamento possam se circunscrever. (SADIE, 1994, p. 236)

Considerando a crítica cultural na atualidade, as pesquisadoras holandesas Annemarie Kersten e Susanne Janssen (2016), citadas por Cousin (2020), dividem os agentes responsáveis por essas mediações em quatro categorias. A primeira é o *crítico cultural intelectual*. Visto como parte da elite e defensor das tradições, é associado à academia e historicamente é distinguido como um pilar da sua sociedade. Possui credenciais, como títulos, prêmios e certificados, que lhe garantem posições de respeito na política e na esfera pública cultural. A segunda categoria, é o *jornalista cultural profissional*, que se diferencia por atuar em uma área que permite a divulgação de opiniões e avaliações. Esse jornalista também é ocasionalmente confundido com o crítico intelectual. Por serem mais antigas, as autoras destacam que uma considerável parte da literatura sobre crítica é voltada exclusivamente para essas duas categorias.

A terceira categoria apresentada pelas pesquisadoras é o *árbitro do gosto fabricado pela mídia*. São geralmente celebridades ou influencers que utilizam seus meios para ditar tendências e avaliar produtos. Sua postura como figura pública

possibilita que as suas opiniões sejam encaradas como de especialistas que possuem a capacidade de avaliar o que tem ou não algum valor. Por fim, também há o *especialista amador do cotidiano*. Essa é uma figura inevitável na crítica cultural contemporânea, principalmente com o avanço dos meios digitais. Geralmente são pessoas que, em outros tempos, apenas consumiram o trabalho dos críticos tradicionais, mas, ao invés disso, fazem uso dos meios digitais para contribuir com o processo de legitimação dos produtos culturais criticados (KRISTENSEN e FROM, 2015, apud COUSIN, 2020).

A presença dos meios digitais, como apontado pelas pesquisadoras acima, passou a exercer uma considerável influência no campo da crítica cultural. O ambiente digital, como aponta Cousin (2020), contribuiu para o aumento das possibilidades de criação e difusão de opiniões no meio cultural, o que alterou drasticamente o fazer crítico e o modo de consumo do juízo alheio, tornando o seu entendimento basilar para o estudo.

No próximo capítulo vamos conhecer a Revista Bula, que é o objeto de estudo deste trabalho. Por meio de uma análise empírica, tentaremos compreender também a sua história e a sua experiência dentro da história do jornalismo cultural, um espaço considerado tradicional para a produção da crítica.

3 JORNALISMO CULTURAL A HISTÓRIA DA REVISTA BULA

Neste capítulo, para meios de contextualização, faremos uma apresentação do jornalismo cultural e sua relação com os textos de opinião, seguida do seu panorama histórico, de sua gênese aos tempos de internet. A seguir apresentaremos a Revista Bula, percorrendo desde a criação de seu projeto piloto até a sua forma nos dias atuais. Para uma melhor compreensão de seus aspectos editoriais, também será realizada uma descrição empírica do veículo e suas plataformas adjacentes.

3.1 O segmento do jornalismo cultural

Podemos compreender o jornalismo cultural como uma zona heterogênea de meios, gêneros e produtos, que envolvem a produção, a circulação e o consumo de bens simbólicos, ao abordarem com propósitos criativos, críticos ou simplesmente de divulgação, os campos das artes, letras, ciências humanas e sociais (SEGURA; GOLIN; ALZAMORA, 2008). Da mesma forma seus profissionais têm menor chance de possuir uma formação tradicional em jornalismo, muitas vindo de outras áreas das ciências humanas, sociais e artes. Além disso, os jornalistas que atuam nessa editoria geralmente são mais velhos, com mais tempo de experiência e uma maior probabilidade de que tenham mestrado (HOVDEN e KRISTENSEN, 2018 apud COUSIN, 2020).

Em publicações especializadas em cultura ou até mesmo em páginas diárias dedicadas ao segmento, convivem repórteres, intelectuais e pensadores, não necessariamente todos profissionais do jornalismo, criando um espaço diferenciado dos presentes no jornalismo convencional. A coexistência entre textos literários, ensaios analíticos e textos informativos, no campo jornalístico, indica um espaço de tensão entre as funções de jornalista e especialista. Essa tensão é o que singulariza e legitima socialmente o jornalismo cultural, o qual tem como uma de suas características abrigar a avaliação e a análise da produção simbólica, garantindo aos periódicos a legitimidade interpretativa (SEGURA; GOLIN; ALZAMORA, 2008).

Segundo Golin e Cardoso, o jornalismo cultural é capaz de reprocessar o discurso formal das ciências e códigos artísticos, uma vez que “ao converter saberes herméticos e esotéricos em linguagem próxima do público, a prática jornalística se propõe a tornar esse repertório acessível a um auditório amplo” (2010, p. 194).

Reforçando a ideia acima, Cousin (2020) destaca o papel do jornalismo cultural na compreensão de fenômenos culturais, no qual, através da produção de narrativas e da contemplação e divulgação de diferentes aspectos culturais, é capaz de reconstruir o imaginário de um determinado momento na história. Para o autor, esse processo concede ao jornalista cultural a capacidade de definir quais produtos culturais são mais adequados ou relevantes no momento, levando em consideração as questões estéticas e políticas que apresentam ou deixam de apresentar.

Cousin (2020) lembra que o jornalismo cultural, quando comparado com as demais editorias, apresenta uma gama maior de textos de opinião. Nessa perspectiva, o autor traz três tipos de textos como componentes desse grupo.

O *comentário*, na imprensa tradicional, geralmente é redigido por jornalistas experientes e com vasta bagagem cultural. O texto deve abordar temas de menor relevância, ainda que vinculados à atualidade, além de articular e explicar notícias que já foram publicadas ou acontecimentos que ainda repercutem em meio ao público (COUSIN, 2020).

Por outro lado, o autor também traz a *coluna*, um texto que se relaciona com um tipo de jornalismo mais pessoal e intimamente ligado ao autor. O texto é tratado como uma sessão especializada e assinada, voltada para a emissão de juízos de valor, que frequentemente se configura de modo a persuadir o leitor.

Por fim, a *crítica*, que busca orientar o público no consumo de bens culturais. Como já foi comentado no capítulo anterior, esses textos devem informar sobre as obras, estimular o trabalho de artistas, por meio de elogios ou apontamentos de imperfeições, e documentar um ponto de vista que pode ser consultado e debatido posteriormente (COUSIN, 2020).

O autor justifica a seleção de gêneros acima com a afirmação de que, no ambiente digital, os limites entre gêneros textuais/jornalísticos acabam por se tornar nebulosos. Como consequência, ele aponta a criação de uma nova maneira de produção da crítica, onde os tipos de textos citados acima podem acabar se misturando, assim como a titulação que seus autores reclamarão para si.

Por outro lado, sabe-se também que no jornalismo diário, o segmento de cultura é, na maior parte do tempo, regido pela agenda (GADINI, 2009), levando o inesperado como um critério pouco usual, produzindo pautas que repercutem o mercado cultural, com a divulgação de lançamentos e de eventos planejados (GOLIN e CARDOSO, 2010). Além da influência mercadológica, também podemos destacar que:

Trata-se de um tempo cíclico em que o novo e o atual significam a repetição na cobertura de fatos pré-agendados pelos produtores culturais [...] Morte, nascimento, datas significativas são rememoradas a cada década, cinquentenário, centenário, servindo como mote jornalístico para revisar legados seculares, obras e biografias, critério esse prioritário na seleção editorial. (GOLIN e CARDOSO, 2010, p. 196)

Gadini (2009) ainda ressalta que esse processo de agendamento, de certa forma, também influencia na criação de comportamentos de consumo, adesão ou leitura, legitimando os cadernos culturais como um mecanismo participante da instituição cotidiana do campo cultural contemporâneo. Ademais, o autor também aponta que, ao orientar o leitor em meio a uma gama de produtos culturais disponíveis para consumo, o jornalismo cultural acaba por emitir um juízo, o qual pode justificar as comparações desse gênero à crítica cultural.

3.2 Elementos históricos do jornalismo cultural

Um dos marcos da gênese do jornalismo cultural, ocorreu no ano de 1711, com a criação da revista londrina *The Spectator*. Fundada por Richard Steele (1672-1729) e Joseph Addison (1672-1719), a publicação tinha a finalidade de trazer a filosofia para os clubes e para as mesas de chá e café (GOLIN e CARDOSO, 2010; PIZA, 2004). Segundo Piza, “a revista falava de tudo – livros, óperas, costumes, festivais de música e teatro, política – num tom de conversação espirituosa, culta sem ser formal, reflexiva sem ser inacessível [...]” (2004, p. 12).

De todo modo, foi somente a partir do século XIX que o jornalismo cultural começou a ganhar força no Brasil (PIZA, 2004). Isso ocorre como consequência da influência francesa e do advento do folhetim como fórmula atrativa para aumentar a venda de jornais e consequentemente potencializando a relação entre jornalismo e literatura (GOLIN E CARDOSO, 2010). Ao final do século XIX, o jornalismo cultural cresceu ainda mais no Brasil, mostrando seu verdadeiro potencial ao se fazer responsável pelo nascimento do maior escritor nacional de todos os tempos, Machado de Assis (1839-1908), que teria começado a sua carreira como crítico de teatro e polemista literário (PIZA, 2004). Golin e Cardoso (2010) ainda apontam no século XIX, o surgimento do jornalista-cronista-intelectual e a influência dos ideais educacionais sobre o jornalismo, como a erradicação do analfabetismo e a divulgação de saberes.

Contudo, conforme Piza (2004), foi no século XX que o jornalismo passou por verdadeiras mudanças, que o deixaram mais próximo da forma como conhecemos hoje. Segundo o autor, nesse período o jornalismo moderno passou a dar mais importância para a reportagem, para o relato de fatos, dando início a sua profissionalização. Acompanhando esse desenvolvimento, o jornalismo cultural também sofreu mudanças, com a adição da reportagem e da entrevista, além de uma crítica de arte mais breve e participante.

De acordo com o pesquisador Frantjesco Ballerini (2015), nesse período, o jornalismo brasileiro se viu dividido entre duas correntes práticas da profissão, a norte-americana, que priorizava a profissionalização do jornalismo com treinamento em universidade e a europeia, que defendia a arte de escrever por vocação. Apesar de historicamente influenciado pela Europa, aos poucos, o jornalismo brasileiro acabou se alinhando ao estilo norte-americano. Além disso, também ocorre a introdução do lide no jornalismo como um todo, abandonando totalmente o nariz de cera e separando de vez o jornalismo e a literatura.

Nesse período, o jornalismo cultural, como aponta Ballerini (2015), também começou a apresentar uma configuração distinta das demais editorias, dando início a uma cobertura mais especializada, com críticas em rodapé e os primeiros esboços do que seriam os suplementos literários. O pesquisador também destaca a popularização das fanzines, produções artesanais de pequena tiragem em que o autor distribuía para seu público textos culturais de produtos que não conseguiam espaço na grande mídia.

A partir de 1950, começaram a surgir inúmeros suplementos e revistas culturais (SEGURA; GOLIN; ALZAMORA, 2008; BALLERINI, 2015). Tão diversas quanto as concepções de cultura de cada época e segmento de público, as revistas de cultura geralmente são relacionadas a grandes reportagens, ensaios e críticas especializadas. Além disso, também se situam no cenário de entretenimento e lazer, em um mosaico bastante significativo de cada época (SEGURA; GOLIN; ALZAMORA, 2008).

Sobre as revistas culturais no final do século XX, Ballerini (2015) dá destaque para dois exemplos diferentes. A revista *Bravo!* (1997- 2013)³, cujo projeto editorial era voltado principalmente para a agenda cultural, embora oferecesse abordagens mais

³ Publicada pela primeira vez em 1997, originalmente pela extinta Editora D'Ávila, a revista *Bravo!* levantava críticas no meio intelectual em seu projeto editorial, por ter se rendido ao entretenimento. Mais tarde a revista foi comprada pela Editora Abril, que a publicou até 2013, quando a empresa extinguiu diversas revistas impressas, incluindo a *Bravo!* (BALLERINI, 2015).

aprofundadas sobre os temas e a ainda presente Revista Cult⁴, menos voltada para a agenda cultural e mais focada em reflexões sobre arte, sociedade, política e filosofia.

No final do século XX, o jornalismo cultural impresso começou a sofrer com influência de novos suportes, como a TV paga e a internet, inundando os cadernos culturais com sugestões de pautas (Ballerini, 2015). A internet em especial, trouxe a proliferação de novos formatos de informação cultural, que acabam por interferir na relevância da mediação do jornalista cultural, uma vez que com o surgimento de múltiplos websites não-jornalísticos qualquer um, eventualmente pode produzir e difundir informação cultural (SEGURA; GOLIN; ALZAMORA, 2008; BALERINI, 2015). Nesse sentido, Benevides (2020, p. 34) destaca que “ a internet não é um novo participante do ecossistema das notícias, e sim um novo e próprio ecossistema”.

Dentre os aspectos centrais do impacto da internet no jornalismo, conforme Teixeira (2002), é possível resumi-los em seis pontos principais: hipertextual; multimidiático/convergente; passível de atualização contínua; personalizável; interativo e passível de incorporar memória.

Ainda sobre o jornalismo cultural e suas novas plataformas, é válido lembrar, como aponta Ballerini (2015), a prática do jornalismo cultural ainda se dá pelas plataformas tradicionais, Ainda assim, ela também é feita em segundos e aos milhões pelo mundo, em sites, blogs, portais e redes sociais, criando cada vez mais nichos, que por sua parte possuem uma audiência cada vez mais específica.

3.3 A Revista Bula: gênese e características

A Revista *Bula* foi criada em 2003, pelo jornalista Carlos Willian Leite⁵. Como uma plataforma online, a revista é considerada por Melz (2019) uma referência no jornalismo de cultura. Hospedada no Portal R7, do Grupo Central Record de Comunicação, desde 2010, a Bula é uma publicação exclusivamente online, não

⁴ Criada em 1997 e publicada pela Editora Bregantini, a Revista Cult é uma das mais longevas publicações culturais do país. Pertencente ao grupo UOL, é uma revista mensal voltada às áreas da arte, cultura, filosofia, literatura e ciências humanas (<https://revistacult.uol.com.br/home/sobre/>).

⁵ Criador e atual editor da Revista Bula, Carlos Willian Leite é escritor, poeta e jornalista. Natural de Goiás, cursou comunicação social e é especialista em mídias sociais. Consagrado com diversas premiações, é o escritor mais jovem a receber o Troféu Tiokô, da União Brasileira de Escritores e o mais jovem ganhador da Bolsa de Publicações Cora Coralina, com o livro “As Intempéries do Vento”, dentre outras premiações (rever como faz a referência).

possuindo qualquer conteúdo impresso. Além disso, de acordo com Berrogain (2022), a Revista é considerada uma pioneira no mundo do jornalismo online.

Apesar de ter ido ao ar em 2003, a idealização da Bula data de muito antes, com seu projeto piloto elaborado ainda em 1998. Em uma entrevista concedida a Simião Mendes, em 2015, para a série de vídeos no YouTube “Poetas do Cerrado”, Leite explica que houveram dificuldades para manter o projeto piloto, tendo em vista as limitações do acesso à internet ainda no final dos anos 90. Restrita a universidades, a internet era um serviço caro e ainda limitado, o que, segundo o editor, levou o projeto piloto da Revista a durar apenas um ano.

Quatro anos depois, em 2002, o projeto da Bula foi trazido de volta, ganhando uma forma mais sólida. Com o apoio de publicitários e professores da Universidade Estadual de Goiás (UEG), a Revista foi ao ar ainda no início de 2003, porém ainda com um formato de portal, como comenta Leite:

Quatro anos depois, nós voltamos a nos estruturar, para montar um projeto de um portal em Goiás, nos mesmos moldes do protótipo inicial. Um grupo de pessoas da UEG se juntou para poder fazer o projeto da Bula. Começou como um portal. Tinha incursões nacionais, mas com foco local também. Mas nós já tínhamos uma proposta bem definida, não seria um material factual, exceto em casos de entrevistas, nós iríamos fazer um material mais voltado para a análise, textos mais longos, esses detalhes assim. (LEITE, Carlos Willian, 2015)

Três anos após a sua criação, em 2006, a Revista passou por um período de crise, principalmente financeira, que, como aponta Leite (2015), culminou em um processo de profissionalização do projeto. Esse processo resultou em uma mudança na linha editorial do projeto, transformando-o em um veículo voltado apenas para o jornalismo cultural.

Atualmente, com a sua linha editorial voltada para o jornalismo cultural e a literatura, a revista Bula tem seus textos escritos por colaboradores fixos e voluntários (MELZ, 2019). Não necessitando serem jornalistas, aqueles interessados em colaborar com textos, devem seguir algumas condições⁶. Os textos a serem enviados devem ser inéditos e exclusivos, não podendo ser literários, como poesias ou contos, ou textos acadêmicos. Os colaboradores também devem manter uma parceria exclusiva com a Bula.

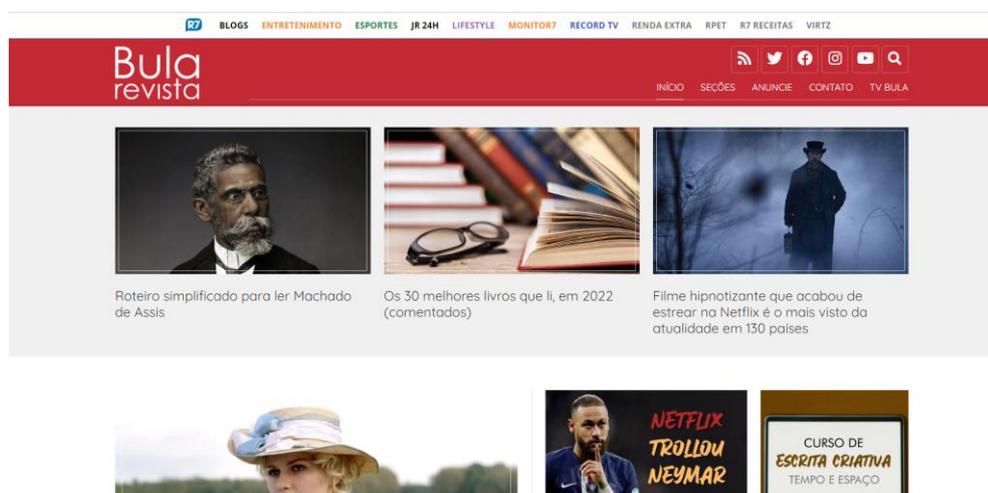
⁶ As condições apresentadas foram coletadas do site da *Bula*, em 12 janeiro de 2023, acessíveis pela seção de “Contato”.

Ainda no ano passado, conforme Berrogain (2022), a Bula contava com uma média de 20 milhões de acessos mensais no site e 500 mil assinantes em sua newsletter. Além disso, o seu acervo, também ainda em 2022, era composto por mais de 12 mil textos, os quais se dividem entre entrevistas, estudos críticos, ensaios, perfis biográficos, obituários, listas sobre os mais variados temas e crônicas, fazendo da Revista uma das publicações mais antigas e populares da internet no Brasil.

A seguir, devido ao baixo volume de literatura sobre o objeto de estudo e a impossibilidade de realizar uma entrevista com o editor da Revista Bula⁷, será feita uma descrição empírica do objeto, sistematizando seus elementos principais. As informações a serem apresentadas foram levantadas a partir da observação do site da Bula, entre 07 e 16 de janeiro de 2023, totalizando um período de nove dias.

A partir da observação, uma das primeiras coisas a serem percebidas no site da Revista Bula, é a sua capa (figura 1). Em seu topo, percebemos uma seleção de destaque para três textos recentes da *Revista*. Além disso, a capa também expõe os últimos textos publicados no veículo (figura 2), os quais são apresentados com seu respectivo título, autor e o primeiro parágrafo do texto em questão. Também foi observado que a *Revista* apresenta uma frequência média de quatro a cinco textos publicados por dia. Ainda percebemos que, apesar de sua variedade de conteúdos, o tema mais abordado pela revista tem sido a indústria cinematográfica, sobre o qual, de 20 textos publicados entre 10 e 13 de janeiro de 2023, 15 tratavam sobre produções de cinema.

Figura 1 - Topo da capa da *Bula* no dia 11 de janeiro de 2022



Fonte: Site da Revista Bula

⁷ Tentamos entrar em contato com a equipe editorial da *Revista Bula* pelo menos três vezes, durante a pesquisa, mas, infelizmente, não obtivemos retorno.

Figura 2 - Capa da Bula com o último texto publicado no dia 14 de janeiro de 2022



Fonte: Site da Revista Bula

Ademais, também foi observada a divisão e organização do conteúdo publicado na Bula, em um total de 25 seções⁸, sendo elas: Adulto, Bula conteúdo, Carpe diem, Contos, Crônicas, Diários do Aran, Ensaios, Entretenimento, Entrevistas, Entrevistas do além, Filmes, Fotografia, Ideias, Listas, Livro da semana, Livros, Mirisola, Música, Obituário, Perfil biográfico, Poesia, Questionário Proust, Séries, Shakespeare: vide bula e Web Stuff.

Seções como *Bula* conteúdo e Carpe diem, apresentam colunas, geralmente publicadas por colaboradores fixos. Já as seções de Crônicas, Contos, e Poesia, possuem uma variedade de seleções de textos dentro de cada estilo literário. Por outro lado, em Ensaios encontramos mais variações textuais, desde críticas a perfis.

Em Ideias, encontramos textos de cunho mais reflexivo e analítico, tratando de temas variados como literatura, esporte, política, cinema, música, entre outros aspectos da cultura. Apesar de sua variedade, o tema principal entre os textos aparenta ser a literatura, tendo em vista, por exemplo, que dos 40 textos publicados entre 02 de agosto e 31 de dezembro de 2022, 19 tratavam explicitamente sobre o tema.

⁸ Durante o período de observação, foi percebido que o site apresenta uma estrutura confusa quanto às suas seções de conteúdo. Em seu menu principal, localizado no topo do site, são apresentadas apenas 16 seções. Entretanto, ao descer a página do site, encontramos novamente essa seleção com 25 seções de conteúdo.

As seções com mais atualizações são as de Livros, Filmes e Séries. A primeira apresenta um grande número de textos sobre o mundo da literatura, em sua maioria críticas literárias. Já as duas seções seguintes trabalham principalmente com lançamentos no mundo do cinema e das séries e com recomendações de produções presentes nas plataformas de streaming Netflix e Amazon Prime Video. Essas recomendações são feitas tanto de forma individual como em seleções de diversas obras dentro de um determinado tema.

Em Entretenimento, Fotografia, Listas, Web Stuff, encontramos seleções de recomendações. Exceto Fotografia, as outras seções apresentam temas mais variados dentro da cultura, como livros, cinema, arte, vinhos, frases de autores célebres e até turismo. Além disso, também temos as seções de entrevistas, que apresentam diálogos com grandes personalidades, podendo ser entrevistas concedidas à própria Bula, a algum outro veículo ou até entrevistas fictícias, com um viés de humor.

Ainda entre as seções da Bula, é na seção de Música que está localizado o conteúdo de interesse deste trabalho. Com textos longos e geralmente de cunho analítico, a seção apresenta críticas musicais, seleções de obras e, em alguns casos, até biografias de músicos e compositores. Além disso, nota-se um número considerável de textos com publicações desde maio de 2013. O fato do veículo manter esse material disponível, mesmo depois de tantos anos, compõe a criação de um repositório para o leitor, tornando mantendo uma leitura da Revista sobre o tema durante os últimos 10 anos.

Após o período de observação, foi possível perceber que essa seção não recebe tanta atenção quanto as de filmes, séries e literatura, evidenciando que, apesar de também trabalhar com o tema, a música não é o foco da Revista. O que nos levou a essa afirmação foi a inconstância na sua frequência de atualização. Quando são publicados, o seu número varia de um a quatro textos por mês, entretanto existem janelas de tempo, com uma extensão de meses, nas quais não há nenhum texto de música texto de música. Por exemplo, em janeiro de 2022, foi publicado apenas um texto, enquanto em fevereiro do mesmo ano houveram dois. Entretanto, somente em agosto de 2022, a seção foi novamente atualizada, com um total de nove textos, dentro de um período de três meses, seguido de mais um hiato.

Ainda que pouco frequente, existe nessa seção uma variedade de autores responsáveis pelos textos presentes, contando com colaboradores fixos e voluntários.

Durante observação feita em 16 de janeiro de 2023, percebemos, entre os nomes mais frequentes⁹ na seção, nos últimos dois anos, os seguintes colaboradoras: Paulo Fernandes¹⁰, colaborador exclusivamente com textos para a seção de música, abordando artistas da MPB e do rock nacional e internacional; Giancarlo Galdino, Diretor de som de curtas como “*Não Existe Pôr Do Sol*” e “*De Vez em Quando, Quando Eu Morro, Eu Choro*” – além de repórter e autor de diversas críticas presentes na Revista, principalmente críticas de cinema; Enio Vieira, jornalista formado na Universidade Federal de Goiás (UFG), também autor de vários textos no veículo, abordando não somente a música, mas também o cinema, a literatura, entre outros assuntos da cultura.

Além da sua plataforma principal, a Bula também faz uso de uma gama de redes sociais para divulgar os seus textos e além de produzir um conteúdo próprio para as mesmas. Entre as plataformas mais utilizadas, podemos afirmar que o canal do YouTube da Revista Bula, também referido como “TV Bula” tanto no site quanto em outras redes do veículo, é o mais aproveitado pela Revista em questão de produção de conteúdo adicional. Criado em 2014, o canal apresenta uma variedade de vídeos com recomendações, análises de obras e até comentários sobre os acontecimentos no mundo da cultura, trabalhando principalmente com filmes, séries televisivas e literatura. A Revista também utiliza a plataforma para transmissões ao vivo, nas quais são realizadas entrevistas e conversas com personalidades do meio cultural.

Ademais, a Revista também disponibiliza no mesmo canal, um curso de escrita criativa, ministrado por Ademir Luiz, colaborador fixo e professor de História na Universidade Estadual de Goiás (UEG). Apresentado como uma série de dez aulas, o curso busca ensinar sobre diversos aspectos da criação de narrativas, como o romance, a narrativa curta, a criação de personagens, a angústia da influência, entre outros.

Para além do YouTube, a Bula também possui perfis em redes sociais como Facebook, Twitter e Instagram, das quais a última aparenta receber mais atenção para o seu desenvolvimento e engajamento com o público. Com aproximadamente 126 mil seguidores, durante o período de observação, o perfil da Bula no Instagram apresenta

⁹ Infelizmente, a Revista Bula não fornece mais informações sobre seus colaboradores, além de seus nomes, levando-nos a realizar pesquisas sobre esses autores, das quais nem todas tiveram resultados.

¹⁰ Não foram encontradas informações sobre o colaborador.

uma frequência de três publicações por dia, como foi constatado em observação feita no dia 12 de janeiro de 2023. As postagens na rede contam com charges, frases de artistas e escritores célebres, divulgação de textos da revista e vídeos no canal do YouTube, além de recomendações de obras e perguntas para o público.

As recomendações feitas no Instagram da Revista recebem o título de “Bula Indica” (figura 3), nas quais é apresentado um lançamento, podendo ser um filme, um seriado, um livro ou um álbum de música. A publicação geralmente é utilizada para divulgar críticas publicadas na revista e consiste em uma foto da obra ou de seu autor, acompanhada pelos dois primeiros parágrafos do texto e um incentivo para acessar a Revista. Entretanto, o “Bula Indica” também é feito sem uma crítica publicada na revista, nesses casos, além da foto, a postagem recebe um breve texto onde a obra indicada é apresentada. Apesar do formato da publicação aparentar ter sido desenvolvido para o Instagram, o “Bula Indica” também está presente no Facebook da Revista.

Assim como o Instagram, a página da Bula no Facebook trabalha com a mesma premissa de divulgação de conteúdo. Com mais de dois milhões de seguidores, em 16 de janeiro de 2023, a página publica os mesmos conteúdos presentes na rede social vizinha, ainda que com um número um pouco maior de textos divulgados. Além disso, a Revista também utiliza a sua página no Facebook para realizar transmissões ao vivo, as quais também ficam disponíveis em seu canal no YouTube.

Figura 3: Bula Indica no Instagram da Revista Bula em 07 de janeiro de 2023



Fonte: Instagram da Revista Bula

Entre as redes sociais da Bula, também é válido mencionar o seu perfil no Twitter. Com mais de 59 mil seguidores, também em 16 de janeiro de 2023, esse perfil também lida com a divulgação de alguns textos, publica as mesmas citações de autores e perguntas aos leitores que as outras duas redes. Porém, a Revista também faz uso do Twitter para compartilhar comentários e pensamentos sobre os acontecimentos recentes na sociedade, tratando sobre política, esportes, entre outros assuntos.

Após completa a observação do veículo e suas redes sociais, foi possível perceber, que o foco principal da Revista Bula se encontra na Literatura e no Cinema. Contudo, apesar de o veículo não trabalhar tanto com o mundo da música, as críticas musicais da Revista apresentam uma estrutura semelhante ao formato tradicional da crítica escrita, com textos bastante completos, os quais são o foco principal do presente trabalho. Sendo assim, o próximo capítulo terá como objetivo analisar uma seleção de críticas, presentes na seção Música da Bula.

4 ANÁLISE DAS CRÍTICAS MUSICAIS DA REVISTA BULA

Neste capítulo, enfim daremos início à análise das críticas de música publicadas na *Revista Bula*. Nosso objetivo é identificar e compreender os aspectos que caracterizam esses textos como críticas. Para isso, fizemos uso do método de Análise de Conteúdo, com base em três categorias: *sobre o que fala, como fala e para quem fala*.

4.1 Análise de conteúdo

Para realizar esta pesquisa, escolhemos a análise de conteúdo (AC) como metodologia e a análise categorial, conforme a classificação de Bardin (1977). Quanto ao método, a autora o define como um conjunto de técnicas de análise das comunicações, que tem por objetivo reunir indicadores, tanto quantitativos quanto qualitativos, por meio de procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo em questão.

Na percepção de Fonseca Jr. (2006), apesar de ser considerada uma técnica híbrida, a AC pode pender mais tanto para o lado quantitativo quanto para o lado qualitativo. Herscovitz (2008, p. 126) define a análise de conteúdo como um método de pesquisa que “recolhe e analisa textos, sons, símbolos e imagens impressas, gravadas ou veiculadas em forma eletrônica ou digital encontrados na mídia a partir de uma amostra aleatória ou não”, mostrando-se muito útil frente a necessidade de realizar inferências sobre o material em análise.

Segundo a autora, os pesquisadores que fazem uso deste método são tidos como “detetives”, buscando “pistas que desvendem os significados aparentes e/ou implícitos dos signos e das narrativas jornalísticas, expondo tendências, conflitos e, interesses, ambiguidades ou ideologias presentes nos materiais examinados” (HERSCOVITZ, 2008, p. 127).

Sob a perspectiva de Shoemaker e Reese (1996), a autora pondera que a análise de conteúdo nos ajuda a entender mais sobre quem produz e quem recebe a notícia, além de estabelecer certos parâmetros culturais implícitos e a lógica organizacional por trás das mensagens.

Ainda sobre as utilidades da AC, Herscovitz (2008) ainda aponta que esta pode ser usada para detectar tendências e modelos com base na análise de critérios de

noticiabilidade, enquadramentos e agendamentos. Além disso, sobre as utilidades da metodologia, a autora também define que:

Serve também para descrever e classificar produtos, gêneros e formatos jornalísticos, para avaliar características da produção de indivíduos, grupos e organizações, para identificar elementos típicos, exemplos representativos e discrepâncias e para comparar o conteúdo jornalístico de diferentes mídias em diferentes culturas (HERSCOVITZ, 2007, p. 123)

Partindo para o lado prático, Bardin (1977) divide a análise de conteúdo em três fases, sendo elas a pré-análise, a exploração do material e por fim o tratamento dos resultados obtidos e interpretação. Nessas fases ocorrem, respectivamente, o planejamento do trabalho em questão, a análise do material reunido e o estudo dos dados obtidos.

Para a nossa pesquisa, foi escolhido o período entre os anos de 2020 a 2023 para delimitar a constituição do nosso *corpus*. Nessa janela de três anos, levando em consideração que a pesquisa foi feita ainda no primeiro trimestre de 2023, foram publicados na seção de Música da *Revista Bula*, um total de 54 textos¹¹. Desse número, foi feita uma filtragem que resultou em um total de 18 textos aptos para análise, descartando textos de mera divulgação, resultados de enquetes com o público ou textos muito curtos. Por fim, como a maioria das publicações selecionadas eram muito extensas, reduzimos o número de modo a possibilitar uma análise de qualidade dentro da janela de tempo disponível para o trabalho. Ao fim, foram escolhidos 12 textos de cunho crítico para a composição final do *corpus*. Os textos foram então organizados de forma cronológica, apresentando a sua data de publicação, seu título e seu respectivo autor, como pode ser observado no Quadro 1.

Quadro 1 - Críticas que compõem o *corpus* da pesquisa

13/07/2020	As 10 bandas mais importantes da história do rock	Sebastião de Assis Neto
30/03/2021	Construção, de Chico Buarque, faz 50 anos e tocava em rádio devido ao jabá	Euler de França Belém
27/05/2021	Seis álbuns essenciais do David Bowie	Paulo Fernandes
04/07/2021	Tropicalia ou Panis et Circencis, o disco-manifesto que mudou a história da música	Paulo Fernandes

¹¹ Esse número corresponde à quantidade de textos publicados até a data de 11 de fevereiro de 2023.

28/07/2021	O som e a fúria de Kurt Cobain	Enio Vieira
08/09/2021	Toda mulher brasileira é meio Rita Lee	Enio Vieira
25/10/2021	Caetano Veloso procura a sutileza perdida do Brasil	Enio Vieira
20/01/2022	Para Elza Soares, nunca foi tarde para se reinventar	Enio Vieira
16/02/2022	12 discos que tornaram o ano de 1967 o mais marcante para o rock	Enio Vieira
12/02/2022	5 Álbuns essenciais do Led Zeppelin	Paulo Fernandes
21/10/2022	Os 50 anos de Transa, de Caetano Veloso	Paulo Fernandes
31/01/2023	2 maiores letristas da Música Popular Brasileira	Wander Lourenço

Fonte: A autora

Após esse processo, foi realizada a leitura flutuante dos textos selecionados, onde foram feitas fichas para cada texto, apontando os temas e pontos principais — como ganchos, linguagem e formatos (listas ou artigos) — de cada um. Levando em consideração tanto o percurso teórico quanto a leitura inicial dos textos, chegamos a três categorias que serviram de guias para a nossa análise, sendo elas:

Sobre o que fala: Nessa categoria, iremos analisar sobre que tema cada crítica fala. Quais artistas, bandas e gêneros são abordados e se há algum marco histórico usado para justificar a sua publicação.

Como fala: Aqui, analisaremos como o autor se relaciona com o público, observando como ele aborda os temas e de que forma se posiciona no texto (voz pessoal, pronomes e como constrói seus argumentos).

Para quem fala: Nessa última categoria, será analisada a linguagem usada pelos autores, questionando para que tipo de público a crítica foi escrita e se a mesma possui uma linguagem acessível para leitores sem um conhecimento aprofundado no tema.

Com base nessas três categorias, poderemos nos aproximar da resposta à problematização deste trabalho, de modo a identificar os elementos que caracterizam uma crítica musical. Para isso, as inferências serão realizadas através dos dados a serem obtidos.

Entretanto, antes de iniciarmos a análise de cada categoria, também achamos interessante falar um pouco mais sobre os autores de cada texto. Ao todo, como pode ser observado no Quadro 1, existem cinco autores entre as críticas selecionadas, esse

número se dá pela razão de Enio Vieira e Paulo Fernandes serem responsáveis pela autoria de mais da metade do nosso *corpus*. Ainda assim, para possibilitarmos uma melhor compreensão dos textos, classificamos os seus autores de acordo com as quatro categorias de agentes mediadores propostas por Annemarie Kersten e Susanne Janssen (2016), apresentadas no primeiro capítulo deste trabalho. Como alguns autores se enquadram nas mesmas categorias, decidimos apresentá-los juntos e na ordem das definições das pesquisadoras.

O primeiro autor a ser apresentado é Wander Lourenço. Com formação em Letras pela Universidade Federal Fluminense (UFF), possui doutorado em Literatura Comparada e pós-doutorado em Estudos Comparatistas, Lourenço é poeta, letrista e escritor. A partir de sua vasta especialização acadêmica e títulos, além das áreas em que atua, podemos afirmar que o autor se encaixa na categoria de *crítico cultural intelectual*.

A seguir trataremos dois autores distintos. Enio Vieira, já apresentado no capítulo anterior, é jornalista formado pela UFG e possui mestrado em Artes, voltado para a Literatura, pela Universidade de Brasília. Já Euler de França Belém é jornalista, e, atualmente, editor chefe do Jornal Opção em Goiânia (GO). Com base em suas formações e por atuarem no campo jornalístico, atribuímos esses autores à categoria de *jornalista cultural profissional*.

Por fim temos Sebastião de Assis Neto e Paulo Fernandes, este último já tendo sido apresentado no capítulo anterior. Neto possui graduação em Direito pela Universidade Federal de Goiás, com especialização em Direito Civil e mestrado em Direito Agrário. Atualmente trabalha como juiz de direito no Tribunal de Justiça do Estado de Goiás, professor assistente na Faculdade de Direito de Anápolis e na Uni-Anhanguera. Quanto a Fernandes, reiteramos que não foi encontrada nenhuma informação acadêmica ou profissional. Considerando as informações reunidas sobre esses autores, percebemos que os mesmos, em outros tempos, seriam pessoas que apenas consumiriam o trabalho de críticos tradicionais, porém hoje fazem uso dos meios digitais para contribuir com a legitimação de produtos culturais. Sendo assim, foram enquadrados na categoria de *especialista amador do cotidiano*.

A seguir, já conhecendo melhor os nossos autores, podemos dar início à análise categorial das críticas escolhidas.

4.1.1 Sobre o que fala

Nesta categoria, será feito, inicialmente, um panorama dos textos que compõem o nosso *corpus*, dando destaque para aqueles que julgamos mais completos para trabalharmos nesta categoria. Após, faremos uma análise objetiva do material, utilizando como base questões como: quais artistas foram mais mencionados, quantas publicações são sobre músicos brasileiros e quantas são sobre estrangeiros, quais os gêneros musicais mais abordados e quantos textos utilizam algum tipo de gancho temporal. Para isso, será feito uso de gráficos e quadros, de modo a possibilitar uma análise clara e objetiva do *corpus*.

O primeiro texto do nosso *corpus*, intitulado “*As 10 bandas mais importantes da história do rock*”, foi escrito por Sebastião de Assis Neto. Assim como o título já denuncia, a publicação consiste em uma lista com as dez bandas consideradas pelo autor como as mais importantes da história do rock. O que o título não nos diz, é que o autor lista apenas bandas internacionais, sendo elas norte-americanas ou britânicas. São citadas as bandas The Beatles, Rolling Stones, The Doors, Pink Floyd, Cream, Led Zeppelin, Black Sabbath, Queen, Sex Pistols e Nirvana. Nesse formato, o texto em questão, ainda que não apresentando uma análise do trabalho das bandas listadas, ainda pode ser considerado uma crítica, pois, o próprio ato de criar uma lista já é uma ação crítica, selecionando e indicando ao leitor produtos que valem a pena serem consumidos. Neto apresenta cada uma das bandas, contextualizando suas histórias, seus feitos e maiores sucessos, antecedidas de uma introdução bastante crítica ao cenário do rock atual, onde acredita que “na era do streaming, ninguém mais dá bola para os trabalhos conceituais que deram origem a álbuns icônicos na história da música” (NETO, Revista Bula, 13/07/2020). Além disso, o texto não aparenta possuir um gancho temporal.

Em um formato bastante diferente da anterior, a segunda crítica analisada, escrita pelo jornalista Euler de França Belém, “*Construção, de Chico Buarque, faz 50 anos e tocava em rádio devido ao jabá*”, trabalha apenas com uma obra. Em um texto que carrega um quê de crônica, com uma linguagem coloquial e relatando acontecimentos cotidianos pessoais, o autor contextualiza o lançamento do disco “Construção” de Chico Buarque com o cenário do regime militar no Brasil em 1972 e associa o seu sucesso ao uso do “jabá”, um valor em dinheiro pago pelas gravadoras para que as rádios toquem determinadas músicas. Além de uma introdução

brincalhona, o autor também faz uso de trechos dos livros “*Uma História da Música Popular Brasileira - Das Origens à Modernidade*”, de Jairo Severino; “*Chico Buarque*”, de Fernando Barros e Silva e “*Chico Buarque - Histórias de Canções*”, de Wagner Homem. Com os 50 anos do disco como gancho temporal para o texto, o autor cria uma análise completa da obra, onde ainda defende que “assim como “Faroeste Caboclo”, de Renato Russo, a música de Chico Buarque daria uma ópera” (BELÉM, Revista Bula, 30/03/2021).

Em “*Seis álbuns essenciais do David Bowie*”, Paulo Fernandes apresenta, também em formato de lista, uma recomendação dos seis discos que considera os maiores na carreira do músico britânico. Apesar de usar um formato semelhante ao primeiro, este texto apresenta maior teor crítico, com curtas análises de cada disco e comentários sobre algumas canções. Fernandes explica a história por trás de cada álbum e as influências que o cantor teve para a produção de cada um. Além disso, discorre brevemente sobre as capas de cada álbum. Para esse texto, o autor provavelmente teve como gancho os cinco anos da morte de David Bowie, ocorrida em 10 de janeiro de 2016.

Também escrita por Paulo Fernandes, “*Tropicalia ou Panis et Circencis, o disco-manifesto que mudou a história da música*”, é uma crítica mais voltada para a aproximação entre público e obra, a partir da sua contextualização histórica. O autor conta a história do movimento tropicalista e o lançamento do disco “*Tropicália*”, em 1968, dentro do contexto da ditadura militar no país. Além da contextualização, Fernandes mais uma vez explica a capa do disco tratado, exaltando a visível inspiração no disco “*Sgt. Pepper's Lonely Hearts Club Band*” da banda britânica The Beatles, lançado em 1967.

O quinto texto analisado é “*O som e a fúria de Kurt Cobain*”, escrito por Enio Vieira. Ainda que mais curta que as outras, a crítica em questão busca analisar a obra da banda de rock norte-americana, Nirvana. Dando foco principalmente para o vocalista, Kurt Cobain, o autor explica para o leitor o surgimento do gênero musical conhecido como grunge e destaca os “momentos de ruptura” das canções, marcados pela alternância entre cantos melodiosos e gritos intensos, os quais define como “alertas desesperados de uma época e de uma vida pessoal em desintegração” (VIEIRA, Revista Bula, 28/07/2021). Além disso, o texto também apresenta como gancho o lançamento dos diários do vocalista no Brasil no ano de 2021.

Em *“Toda mulher brasileira é meio Rita Lee”*, Enio Vieira tenta aproximar o leitor da cantora brasileira contando a sua história, desde o surgimento da banda Os Mutantes e o seu impacto na música nacional, até sua carreira solo, parando ainda nos discos gravados com seu marido, Roberto de Carvalho. O autor comenta o disco *“Fruto Proibido”* e a sua troca de fases, do rock para um “pop convencional”. Com o diagnóstico do câncer de pulmão da cantora em 2021, um possível gancho para o texto, Vieira não apresenta somente a carreira de Rita Lee, mas também artistas como Marina Lima, Pato Fu, entre outros, que tomaram tanto ela quanto Os Mutantes como inspiração.

Em sua terceira crítica analisada neste trabalho, Enio Vieira agora apresenta como tema o cantor e compositor brasileiro, Caetano Veloso, na crítica *“Caetano Veloso procura a sutileza perdida no Brasil”*. Desta vez, o autor teve como gancho e foco principal o álbum *“Meu Coco”*, lançado pelo cantor em outubro de 2021. No texto, Vieira analisa pelo menos cinco canções presentes no disco, explicando suas letras a partir de uma interpretação da realidade atual. O autor também comenta a ambivalência de Caetano ao, em certos momentos, mostrar-se crente na “potência da indústria da cultura” e, em outros, o choque de realidade sobre “as ruínas do país”.

Em *“Para Elza Soares, nunca foi tarde para se reinventar”*, Vieira, mais uma vez, comenta a trajetória de um ícone da cultura brasileira. Discorrendo sobre a carreira da cantora já em sua velhice, o autor dá destaque para o ressurgimento da “coletividade do samba” no projeto de dois discos de Elza Soares — *“A Mulher do Fim do Mundo”* e *“Deus é Mulher”*— e para a sua parceria com os jovens compositores Romulo Froes, Kiko Dinucci e o produtor Guilherme Kastrup, em um “encontro inesperado de gerações”. Tendo como gancho a morte da artista, em 20 de janeiro de 2022, o texto tenta explicar ao leitor as misturas de gêneros e os arranjos presentes nos álbuns em questão.

Novamente apresentando o formato de lista, a crítica intitulada *“12 discos que tornaram o ano de 1967 o mais marcante para o rock”*, o último texto escrito por Vieira neste trabalho, aproveita o marco de 55 anos para introduzir uma seleção de discos de rock consideradas pelo autor como marcantes para o ano de 1967. Vieira inicia o texto afirmando que “é difícil uma época que tenha produzido tantos discos clássicos e inovadores do rock” (VIEIRA, Revista Bula, 16/02/2022). Em seguida, apresenta discos das bandas Jefferson Airplane, Velvet Underground, Beatles, Jimi Hendrix, Pink Floyd, The Doors, Beach Boys, Rolling Stones, Love, Cream, Bob Dylan e The

Who. Após uma breve pesquisa, foi constatado que os grupos e artistas citados eram exclusivamente britânicos ou norte-americanos. Para cada álbum, além de tecer comentários sobre a obra, o autor discorre brevemente sobre a banda correspondente e aponta as faixas de maior sucesso de cada disco.

Em “5 Álbuns essenciais do Led Zeppelin”, Paulo Fernandes retorna com outra análise detalhada sobre uma única banda ou artista. Neste texto, apresenta uma lista, desta vez comentando cinco álbuns que considera essenciais em meio a obra completa do grupo britânico conhecido como Led Zeppelin. Antes de entrar nos discos, Fernandes discorre sobre a formação do grupo, a partir da trajetória musical de Jimmy Page, ex-guitarrista e fundador. O texto conta com a análise do primeiro, segundo, terceiro, quarto e sexto álbum da banda, apresentando faixas tanto do lado A quanto B, já que o autor está realizando a análise da obra em seu formato original, o disco de vinil. Novamente, além das faixas, Fernandes explica um pouco sobre as capas, proporcionando ao leitor maior entendimento sobre a obra. Para o gancho deste texto, existem duas suspeitas. Acreditamos que o autor pode ter se inspirado no aniversário de 50 anos de *Stairway to Heaven*, uma das canções mais famosas do grupo ou na notícia de que John Paul Jones, ex baixista, da banda estava regravando naquele mesmo ano um dos antigos sucessos do Led Zeppelin, “*When the Levees Breaks*”, para uma ação beneficente.

Em nosso penúltimo texto, “*Os 50 anos de Transa, de Caetano Veloso*”, Fernandes traz uma crítica sobre MPB. Aproveitando os 50 anos do disco “*Transa*” do compositor brasileiro, o crítico conta ao leitor os bastidores da gravação do álbum. Fernandes também explica um pouco sobre como o disco é apresentado, ao descrever que “As músicas são cantadas em português e inglês. Em alguns pontos, Caetano interpola trechos de outras canções, como no rock tropicalista ‘*You Don’t Know Me*’ ” (FERNANDES, Revista Bula, 21/10/2022). Além de apresentar uma descrição do disco e a sua opinião pessoal sobre a obra, também deixa um breve elogio à capa, chamando-a de “Discobjeto”.

Por fim, entre 12 textos analisados, temos “*12 maiores letristas da Música Popular Brasileira*” de Wander Lourenço. Atribuindo ao próprio texto a definição de artigo, o autor discorre sobre quais são os 12 maiores letristas da MPB em sua opinião. Apesar de não apresentá-la como crítica, tendo em vista que deixa sua opinião e análise pessoal sobre os artistas selecionados, nós a consideramos como tal. Ainda no início do texto, destaca que limitou sua seleção apenas aos compositores do sexo

masculino. Lourenço cita os seguintes letristas: Chico Buarque, Caetano Veloso, Gilberto Gil, Milton Nascimento, Ronaldo Bastos, Murilo Antunes, Paulo César Pinheiro, Elomar, Martinho da Vila, Ney Lopes, Chico César, Paulo Sérgio Valle e Marcos Valle. Além de selecionar os compositores, apresenta e comenta as letras de algumas de suas canções mais famosas, como “*Construção*”, “*Flora*” e “*Clube da Esquina*”. Além disso, o texto não aparenta possuir um gancho temporal.

Os textos selecionados foram organizados em ordem cronológica, de 2020 a 2023. No Quadro 2, de modo a oferecer uma apresentação mais clara do assunto, listamos abaixo cada texto com os respectivos artistas apresentados como tema e o gênero musical abordado em cada um.

Quadro 2 - Artistas ou bandas citados e gêneros

<p>As 10 bandas mais importantes da história do rock The Beatles, Rolling Stones, The Doors, Pink Floyd, Cream, Led Zeppeling, Black Sabbath, Queen, Sex Pistols e Nirvana; rock.</p>
<p>Construção, de Chico Buarque, faz 50 anos e tocava em rádio devido ao jabá Chico Buarque; MPB.</p>
<p>Seis álbuns essenciais do David Bowie David Bowie, rock.</p>
<p>Tropicalia ou Panis et Circencis, o disco-manifesto que mudou a história da música Caetano, Gil, os Mutantes, Tom Zé, Nara Leão e Gal Costa, os poetas Torquato Neto e Capinam, sob a regência do maestro Rogério Duprat; MPB.</p>
<p>O som e a fúria de Kurt Cobain Nirvana; rock.</p>
<p>Toda mulher brasileira é meio Rita Lee Os Mutantes, Rita Lee; Marina Lima, Pato Fu, Fernanda Takai, As Mercenárias; rock.</p>
<p>Caetano Veloso procura a sutileza perdida do Brasil Caetano Veloso; MPB.</p>
<p>Para Elza Soares, nunca foi tarde para se reinventar Elza Soares, Romulo Froes, Kiko Dinucci e Guilherme Kastrup; samba.</p>
<p>12 discos que tornaram o ano de 1967 o mais marcante para o rock Jefferson Airplane, Velvet Underground, Beatles, Jimi Hendrix, Pink Floyd, The Doors, Beach Boys, Rolling Stones, Love, Cream, Bob Dylan e The Who; rock.</p>
<p>5 Álbuns essenciais do Led Zeppelin Led Zeppelin, Jimmy Page, Jeff Beck, Eric Clapton, Yardbirds; rock.</p>

Os 50 anos de Transa, de Caetano Veloso

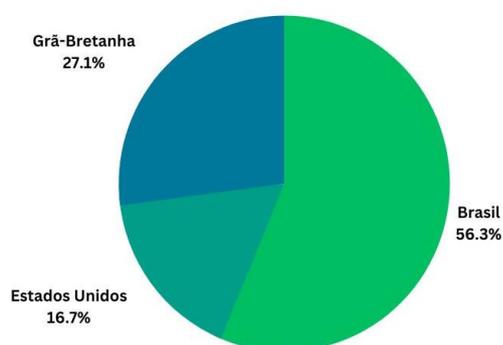
Caetano Veloso; MPB.

12 maiores letristas da Música Popular Brasileira

Chico Buarque, Caetano Veloso, Gilberto Gil, Milton Nascimento, Ronaldo Bastos, Murilo Antunes, Paulo César Pinheiro, Elomar, Martinho da Vila, Ney Lopes, Chico César, Paulo Sérgio Valle e Marcos Valle; MPB.

Fonte: A autora

Ao todo pudemos perceber que foram citados um total de 48 artistas ou bandas. Os artistas que participaram de bandas e possuem carreira solo foram contados separadamente. Entre os artistas mencionados, o nome que mais se repetiu foi o de Caetano Veloso, aparecendo em quatro dos 12 textos selecionados. O cantor e compositor baiano é destaque no cenário da música popular brasileira. Além de Caetano, foi percebida a preferência, ainda que pequena, nos textos selecionados, pelos artistas nacionais, já que sete tratavam exclusivamente sobre artistas brasileiros e cinco sobre artistas internacionais. Além disso, do número total de artistas mencionados, os brasileiros ocupam a maior parcela, como aponta o Gráfico 1.

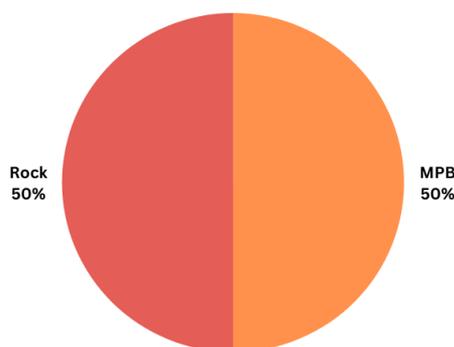
Gráfico 1 - Nacionalidade dos artistas e bandas citados

Fonte: A autora

Conforme o gráfico acima, os grupos e artistas solo mencionados nos textos selecionados se limitam a três regiões específicas, Brasil, Grã-Bretanha e Estados Unidos e, portanto, no repertório de apenas dois idiomas, o português e o inglês. Analisando os números arrecadados, percebemos que a *Revista Bula*, mantém um

certo equilíbrio entre temas nacionais e internacionais, ainda que dando uma maior preferência para o primeiro. Por outro lado, entre os artistas e bandas internacionais, pudemos perceber uma predileção sobre os artistas europeus, em especial os britânicos. Podemos perceber isso, pois dos 21 artistas e grupos estrangeiros apresentados nas críticas, 61,9% deles são da Grã-Bretanha. Além disso, percebemos também uma preferência e também um equilíbrio entre os gêneros musicais mais abordados nestes últimos anos, como podemos observar no Gráfico 2.

Gráfico 2 - Gêneros musicais abordados nos textos



Fonte: A autora

Como o gráfico acima apresenta, a *Revista Bula* apresentou nos últimos anos uma preferência por escrever textos sobre artistas dos gêneros MPB e rock. Dos sete textos que trabalham artistas nacionais, seis discorrem sobre artistas da música popular brasileira. De qualquer forma, a preferência do veículo por esses gêneros se apresenta de forma bastante equilibrada, com seis textos tratando sobre rock, com artistas tanto nacionais quanto internacionais e seis sobre música popular brasileira. De qualquer modo, também percebemos que, entre os artistas e bandas enquadrados no gênero do rock, apenas uma é brasileira, sendo ela Rita Lee.

Entre as críticas analisadas, a presença de um gancho foi percebida em sua maioria. Como gancho, trazemos as considerações de valores notícia, feitas por Nelson Traquina (2005), das quais um gancho seria um acontecimento marcante utilizado para ligar o assunto a ser tratado. Sobre isso o autor discorre que:

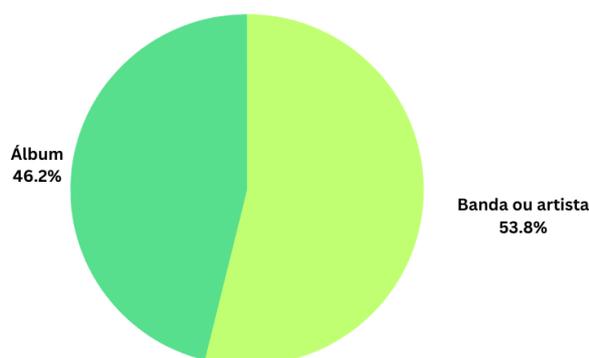
A existência de um acontecimento na atualidade já transformada em notícia pode servir de "news peg", ou gancho (literalmente, "cabide" para pendurar a notícia) para outro acontecimento ligado a esse assunto. [...] o próprio tempo (a data específica) pode servir como um "news peg" e justificar a noticiabilidade de um acontecimento que já teve lugar no passado, mas nesse mesmo dia. (TRAQUINA, 2005, p. 81)

A partir destas considerações, observamos que cerca de 75% dos textos podem ser associados a algum marco temporal ou evento. Ao observarmos o *corpus*, percebemos que os textos que possuem algum tipo de gancho, geralmente estão relacionados ao aniversário de alguma obra, sempre em datas redondas — como os 50 anos de “Construção” de Chico Buarque, em 2021 — ou a algum acontecimento ocorrido naquele ano, como a morte de Elza Soares em 2022. O uso de datas efemérides para reinserir uma obra ou um artista, de modo a marcar a sua importância e apontar a necessidade do público em conhecê-lo já é, em si, um ato crítico. Essa ação contribui para a formação de repertório do leitor, além de também ser um movimento de mercado, incentivando o consumo do conteúdo. Essa é uma prática muito utilizada no jornalismo cultural. Dessa forma, podemos concluir que a *Revista Bula*, como um veículo do mesmo gênero jornalístico, também apresenta esta preferência.

4.1.2 Como Fala

Os textos das críticas selecionadas são, de modo geral, escritos com algum quê de opinião pessoal, seja fazendo uso da primeira pessoa ou de adjetivos. Entre os 12 textos analisados, dez apresentam a voz pessoal do crítico de alguma forma. Vale destacar que neste trabalho consideramos a presença da voz pessoal como evidências da experiência do autor em relação à obra comentada. Os autores escrevem de diferentes formas, desde listas até um artigo, mas todos deixam as suas vozes pessoais transparecer de alguma maneira.

Os trechos em que podemos perceber de forma mais marcante a voz pessoal de cada autor foram divididos em duas categorias: quando fala sobre o artista ou banda e quando fala sobre uma obra em. Dessa forma chegamos ao Gráfico 3.

Gráfico 3 - Críticas que apresentam voz pessoal

Fonte: A autora

Ao todo, separamos 21 trechos dos quais acreditamos que contenham algum elemento de voz pessoal. Os únicos textos onde não encontramos falas deste tipo são: *“Tropicalia ou Panis et Circencis, o disco-manifesto que mudou a história da música”* e *“O som e a fúria de Kurt Cobain”*. Dos trechos encontrados, selecionamos 11 nos quais acreditamos que a voz do autor está mais explícita. Destes, a maioria é uma opinião pessoal sobre algum artista ou banda, seguido de interpretações sobre algum disco. Além disso, também apresentamos momentos em que alguns autores trouxeram as opiniões de terceiros para expressar seu ponto de vista.

O primeiro trecho faz parte do texto *“As 10 bandas mais importantes da história do rock”*, em que o autor relembra a fala icônica do baixista da banda do rock Kiss, Gene Simmons, onde ele diz que o rock está morto.

O rock morreu? Gene Simmons garante que sim, mas há uma penca de gente que jura que não. Bom, o jeito de fazer o bom e velho rock and roll talvez esteja realmente morto, porque, na era do streaming, ninguém mais dá bola para os trabalhos conceituais que deram origem a álbuns icônicos na história da música, como ‘Sgt. Peppers Lonely Hearts Club Band’ ou ‘The Dark Side of the Moon’, por exemplo (NETO, Revista Bula, 13/07/2020)

No trecho, é perceptível que o autor defende a opinião do baixista de que o rock está morto, porém com uma visão voltada para as produções musicais atuais. Ao atestar que “já faz muito tempo que não surge nada de novo que seja bom o suficiente para dizermos que temos aí um divisor de águas na sua história”, o autor expressa e

reforça a sua opinião pessoal de não acreditar que o cenário musical possua bandas no mesmo nível de décadas atrás.

Além disso, Neto se utiliza de bastante ironia para introduzir o texto. Como classificado antes como um *especialista amador do cotidiano*, é de se esperar que o autor tenha como base principal de seus textos a opinião pessoal. Ainda assim, logo que começa a lista, o autor descreve um pouco de cada banda, ainda deixando explícita a sua voz e fazendo uso irreverente da primeira pessoa. Dessa forma, acaba por transparecer-se quem é a pessoa que está escrevendo o texto, como por exemplo:

Nenhuma lista que fale de rock pode deixar de citar os quatro rapazes de Liverpool. Eles não só disseminaram a cultura de bandas do rock, até então protagonizado por grandes artistas solo como Elvis, Chuck Berry e Little Richard, como também deram origem a várias expressões que servem para se referir à sua época e evolução, desde o *iê iê iê* (na verdade, *yeah, yeah, yeah*, mas eu não sei porque eu realmente estou explicando isso) de “Can’t Buy me Love”, passando pela introspecção de “Yesterday”, até chegar à psicodelia de “Sgt. Peppers”.

Em “*Construção, de Chico Buarque, faz 50 anos e tocava em rádio devido ao jabá*”, Belém deixa bastante clara sua opinião pessoal sobre a obra de Chico Buarque, mas por meio de citações de outros autores. Por exemplo, o autor apresenta um trecho do livro “*Chico Buarque - Histórias de Canções*”, de Wagner Homem, que diz “A riqueza da melodia, o primor da letra em dodecassílabos, alternando rimas em proparoxítonas, associados aos arranjos do maestro tropicalista Rogério Duprat, são, em grande parte, os responsáveis pelo sucesso do disco” (HOMEM, 2009, apud Belém, Revista Bula, 2021). Neste trecho, Belém aciona os argumentos do autor do livro, para reforçar a sua opinião sobre as razões para o sucesso do disco de Chico Buarque. De modo geral, o autor utiliza citações de livros para construir seu texto, apresentando a história do disco e também situando historicamente o leitor no período em que foi gravado, com relatos da própria vida, que eram minimamente ligados à obra.

Por fim, entre os textos que trouxeram falas de terceiros, temos “*Toda mulher brasileira é meio Rita Lee*”. Aqui, Vieira brevemente faz apenas uma referência a outro artista brasileiro. “Se foi dito por Caetano Veloso, pode assinar embaixo: ela era a mais completa tradução de São Paulo” (VIEIRA, Revista Bula, 08/09/2021). Neste trecho, o autor faz uso da fala do ícone da MPB para realizar uma apresentação da cantora, afiançando tanto o valor da opinião de Caetano como a importância de Rita

Lee. Porém, Vieira deixa transparecer sua voz pessoal indiretamente, por meio de uma descrição da experiência de consumo do disco ao afirmar que:

O disco “Fruto Proibido” (1975) é um clássico do rock brasileiro. “Agora só falta você” e “Esse tal de roque enrow” provaram que se poderia cantar e ser roqueiro em português. As letras traziam a fala jovem, cheia de gírias paulistanas e descoladas, algo que Rita incorporou a seu estilo. O álbum tem a irretocável “Ovelha negra”, que carrega uma sonoridade folk e fala da condição feminina (VIEIRA, Revista Bula, 08/09/2021)

Ainda que de forma impessoal, quando chama o disco “*Fruto Proibido*” de um clássico e quando diz que as canções “provaram que se poderia cantar e ser roqueiro em português”, o autor deixa implícita a sua opinião sobre a obra de Rita Lee. Um momento que o autor deixa sua opinião mais explícita é quando comenta que “Quanto à inquietação, a melhor tradução de Rita Lee, creio, foi a banda punk paulistana As Mercenárias, que lançou dois discos nos anos 1980”(VIEIRA, Revista Bula, 08/09/2021).

Em “*Seis álbuns essenciais do David Bowie*”, Fernandes deixa a sua voz pessoal explícita no simples ato de criar uma lista. Ao selecionar os seis discos que considera “essenciais”, o autor deixa claro ao leitor seus valores sobre o que é bom e o que não é na obra do cantor britânico. Além disso, o autor explicita seu ponto de vista em trechos onde enaltece certas características dos discos, como “Destaque para a participação do guitarrista Stevie Ray Vaughan em todas as faixas. Isto o ajudou a alavancar sua carreira. Sua guitarra, ao longo das faixas é sensacional e foi um diferencial para o álbum” (FERNANDES, Revista Bula, 27/05/2021).

Na crítica, “*12 discos que tornaram o ano de 1967 o mais marcante para o rock*”, Vieira, assim como Fernandes, deixa sua opinião pessoal explícita ao classificar os 12 discos que considera marcantes para o ano de 1967. Ainda assim, ao introduzir o texto também temos o seguinte trecho:

Houve uma conjunção de planetas, dizem uns. Outros garantem ter ocorrido encontros de almas iluminadas há 55 anos. O fato é que é difícil uma época que tenha produzido tantos discos clássicos e inovadores do rock. São obras influentes que mudaram a tendência da música e ampliaram os horizontes (VIEIRA, Revista Bula, 16/02/22)

Nesta breve introdução, Vieira já deixa explícita sua perspectiva, ao afirmar que seria difícil repetir-se o evento no qual tantos discos de rock, lançados no mesmo ano,

possam ser considerados como “clássicos”. Além disso, ao introduzir o leitor ele aponta “Seguem abaixo 12 razões para aquele 1967 ter sido tão marcante para a música” (VIEIRA, Revista Bula, 16/02/22). Ao tratar os discos como “razões”, o autor deixa transparecer claramente a sua voz pessoal.

Em “*5 Álbuns essenciais do Led Zeppelin*”, Fernandes mais uma vez deixa sua opinião pessoal transparecer ao elencar os discos da banda britânica. Contudo, a crítica se ampara fortemente nos adjetivos e no gosto pessoal. Adicionado a isso, o autor busca descrever a obra, de modo a montar um argumento, como em:

Os detratores podem falar mal o quanto quiserem de “Stairway to Heaven”, mas ela é perfeita, maravilhosa e eterna. Seu esquema de balada que esquenta até ficar pesada e esfria novamente foi constantemente homenageado pelos anos afora (um dos melhores exemplos é “Bohemian Rhapsody”, do Queen) (FERNANDES, Revista Bula, 17/02/2022)

Em trechos como este acima, o autor deixa explícita a sua opinião pessoal para com a canção do grupo, realizando uma comparação com o sucesso da banda Queen. Além disso, podemos perceber ainda mais a presença do gosto pessoal do autor quando ele caracteriza um dos discos como “Uma catedral sonora chamada ‘Physical Graffiti’” (FERNANDES, Revista Bula, 17/02/2022).

No texto, “*Para Elza Soares, nunca foi tarde para se reinventar*”, Vieira apresenta a carreira da sambista em um relato, no qual analisa dois de seus discos mais famosos. Apesar de em muitos momentos escrever de forma impessoal, sem se posicionar explicitamente, o olhar do autor transparece em descrições como esta: “Tem hora que Elza solta seus conhecidos gritos, em outros momentos poderia ser uma funkeira do ‘fim do mundo’” (VIEIRA, Revista Bula, 20/01/2022). O autor também reforça essa sua visão sobre a cantora, ao compará-la com outras mulheres do funk brasileiro. “Poderia ser a voz de Anitta ou Valeska Popozuda. Mas é Elza Soares, com quase 90 anos de idade, cercada de batidas funk e uma guitarra que escorrega para o punk” (VIEIRA, Revista Bula, 20/01/2022).

1.1.3 Para quem fala

Em muitos dos textos analisados, foi perceptível uma linguagem simples a ser usada para abordar os temas tratados nas críticas. Contudo, ainda é possível encontrar

textos e até mesmo trechos em que a linguagem utilizada destoava um pouco na questão de acessibilidade.

Durante a análise, o texto que mais se destacou pelo modo hermético de expressão foi o de título “*12 maiores letristas da Música Popular Brasileira*”, de Wander Lourenço. Com o autor enquadrado na categoria de *crítico cultural intelectual*, já era esperado uma linguagem um pouco mais rebuscada. A crítica, já em seus primeiros parágrafos, se apresenta assim:

Preâmbulo feito, início a escalação dos poetas compositores, com, a meu ver, o mais inspirado de todos os tempos em território nacional: Chico Buarque de Hollanda. Menestrel da alma feminina, que traduz a condição humana com a eficácia de um artífice da exatidão do vocábulo (LOURENÇO, Revista Bula, 31/01/2023)

A partir deste trecho percebemos que o texto conta com uma linguagem voltada para um público de maior repertório literário. É provável que uma pessoa de vasto vocabulário entenda que o autor está meramente apresentando o primeiro letrista e terá facilidade em ler o texto. Contudo, o leitor comum, ainda que entenda do que se trata, encontrará uma leitura cansativa e confusa. Isso se agrava se levarmos em consideração os parâmetros literários da maioria dos brasileiros. Da mesma forma, até para a realização desta análise, encontrou-se alguma dificuldade para a sua compreensão.

Além disso, também podemos perceber a tendência do autor de pressupor que o leitor tenha repertório cultural e literário no seguinte trecho:

Curiosamente, o gênero samba se coaduna com a antropofagia simbólica, ao ‘devorar’ a cultura musical estrangeira, de modo a, intuitivamente, se inaugurar a construção da nacionalidade, consoante o bardo Manuel Bandeira demonstrou ao modernista Mário de Andrade, numa visita-guiada ao Estácio de Brancura, Bide, Baiaco, Mestre Rubem, Nilton Bastos etc (LOURENÇO, Revista Bula, 31/01/2023)

Diferentemente de Lourenço, a maioria dos textos analisados apresenta uma linguagem acessível para o público leigo, às vezes até explicando certas palavras, como Vieira, em “*O som e a fúria de Kurt Cobain*”, onde comenta a obra da banda Nirvana com simplicidade. “Mais do que no conteúdo das letras, a mensagem estava na forma das canções. Sobretudo nos momentos de ruptura (gritos, ruídos) que rompe uma normalidade aparente de melodias” (VIEIRA, Revista Bula, 28/07/2021). Neste trecho, o autor busca explicar como seguem as canções tanto da banda Nirvana

quanto de outras dentro do seu gênero musical, de modo a facilitar ao leitor um entendimento mais profundo das obras.

Em *“Tropicalia ou Panis et Circencis, o disco-manifesto que mudou a história da música”*, Fernandes também utiliza uma linguagem simples e coloquial. Além disso, ele busca situar o leitor não somente dentro da obra, mas em toda a história por trás dela, como podemos perceber no terceiro parágrafo do texto.

Em 1967 a TV Record organizou seu III Festival de Música Popular Brasileira, onde dois dos líderes do Tropicalismo escandalizaram os conservadores e, ao mesmo tempo, conquistaram muitos simpatizantes à causa revolucionária: Caetano Veloso com a música “Alegria, Alegria”, acompanhado pelo grupo de rock argentino Beat Boys, e Gilberto Gil com “Domingo no Parque”, acompanhado pelos Mutantes. Estavam lançadas as bases de uma revolução que mudaria para sempre os rumos da música feita no Brasil. (FERNANDES, Revista Bula, 04/07/2021)

Neste caso, o autor busca situar o leitor dentro da história da obra. Dessa forma, acaba por criar uma aproximação entre público e artista, proporcionando uma nova forma de interpretação do disco. Textos como este, apesar de não apresentarem a voz pessoal do autor, ao explicar e oferecer referências contextuais, em linguagem acessível, acabam por influenciar e ampliar o horizonte musical do leitor, mesmo que este nunca tenha ouvido falar da obra.

Por outro lado, em *“5 Álbuns essenciais do Led Zeppelin”*, Fernandes, ainda que utilize uma linguagem simples, nem sempre tem o texto totalmente acessível. Isso se percebe, por exemplo, ao comentar sobre o primeiro álbum da banda, quando aponta que:

Riffs espetaculares de guitarra, um baixo seguro e marcante, uma bateria ao mesmo tempo pesada e dançante, e uma voz aguda e única. Este álbum, um dos mais sensacionais álbuns de estreia do rock, é composto por blues antigos, temas emprestados (plágio?) “reciclados” e composições próprias. (FERNANDES, Revista Bula, 12/02/2022)

Em trechos como este, cheios de adjetivos, apesar da linguagem simplificada, ao utilizar termos como “Riffs espetaculares”, o autor acaba limitando um pouco o seu tipo de público. Ao fazer uso de tal vocabulário, Fernandes nos mostra que seu texto é voltado para um público minimamente iniciado dentro da música. Além deste também podemos mencionar a seguinte fala: “temos a impressionante bateria de John Bonham, com direito a solo (sem baquetas) na faixa ‘Moby Dick’, a competência

absoluta de John Paul Jones no baixo e teclados e o, na época, impressionante espectro vocal de Robert Plant” (FERNANDES, Revista Bula, 12/02/2022). Neste trecho, apesar da linguagem simples, ao se referir ao “espectro vocal”, mais uma vez o autor deixa claro que este texto é voltado para um público com maior conhecimento musical.

Ainda assim, em “*Os 50 anos de Transa, da Caetano Veloso*”, Fernandes apresenta um texto totalmente acessível para o público leigo na área de música. Nesta crítica, o autor contextualiza dentro da história moderna o período de lançamento do álbum a partir da sua própria experiência:

Certa vez, minha filha Carolina me perguntou o motivo do Caetano Veloso, depois de tanto tempo, continuar a falar de seu exílio forçado entre 1969 e 1972. Eu respondi que seria a maneira dele nos dizer que não devemos aceitar tempos tão sombrios novamente (FERNANDES, Revista Bula, 21/10/2022)

Compartilhando de sua vida pessoal, Fernandes então se aproxima do leitor, para então apresentar o disco “*Transa*” de Caetano Veloso. Com uma linguagem simples e direta, o autor discorre sobre o processo de produção do álbum, contextualizando o exílio do cantor brasileiro, para então explicar as canções, quantas são, que línguas são cantadas, artistas que participam e quais suas influências. Fernandes então recomenda ao leitor que escute a obra, apresentando uma prévia do disco — por meio de uma *playlist* da plataforma Spotify integrada ao texto. De modo geral, o autor busca deixar o texto claro e de certa forma até didático para o leitor, facilitando seu entendimento independente do seu conhecimento na área, resultando na ampliação do seu repertório cultural.

De modo geral, as críticas musicais publicadas pela *Revista Bula*, nos últimos três anos, apresentam um leque de linguagens. Uma parte é voltada ao público geral, com falas e contextualizações claras. Outra parte limita o perfil do leitor, voltando-se para um público de vocabulário mais extenso, utilizando uma linguagem rebuscada, ou para um público com um pouco mais de conhecimento musical. Ainda assim, a *Revista* apresenta uma gama de textos, podendo alcançar diferentes tipos de públicos.

4.2 Considerações gerais sobre as categorias

Após nos debruçarmos sobre as três categorias *sobre o que fala, como fala e para quem fala*, pudemos perceber elementos que ajudam a esclarecer a forma como as críticas da *Revista Bula* são desenvolvidas por seus autores.

Dentre os autores analisados, não encontramos nenhum perito em música, porém, entre eles, existem dois jornalistas e um perito em literatura. Fora esses, encontramos também dois autores que classificamos como *especialistas amadores do cotidiano*, os quais mesmo sem nenhuma especialização acadêmica no tema, contribuem para a fomentação do processo de legitimação dos produtos culturais.

A experiência de Enio Vieira como jornalista reflete na linguagem utilizada em seus textos, de modo a sempre se apresentar de forma acessível para todos os tipos de leitores. Da mesma forma, Euler de França Belém, com um texto mais longo e um pouco mais rebuscado, também apresenta a mesma linguagem clara e acessível.

Por outro lado, talvez devido ao seu vasto repertório literário, Wander Lourenço apresenta um texto longo e com termos como “menestrel” e “cantilena de cego” além de referências como “Mandioca do brejo-sertão do espírito humano, a se adentrar pelo labirinto-Minotauro da linguagem” (LOURENÇO, *Revista Bula*, 31/01/2023). Características como estas nos mostram que a linguagem utilizada por este autor alcança apenas a um público com determinado repertório e escolaridade, não sendo acessível a todos os tipos de leitores.

Paulo Fernandes e Sebastião de Assis Neto, por sua vez, trazem em seus textos uma linguagem acessível, embora voltada para um público com algum conhecimento musical. Essa tendência se identifica por expressões como “riffmakers” e mais uma vez “espectro vocal”. Entretanto, mesmo com termos como estes, os textos apresentam uma linguagem simples, que permite algum entendimento do leitor comum, despertando seu interesse pelo tema e cumprindo o seu papel como crítica.

Ainda que em formatos distintos, os textos cumprem sua função de aproximação entre público e leitor, tendo em vista, mais uma vez, que a crítica se faz necessária na mediação entre o artista e o público (Bornheim, 2000). As críticas que meramente conta a história dos artistas também cumprem seu papel de aproximação, visto que, como já afirmaram Junior e Nogueira (2010), a essas têm como uma de suas funções a de documentar a história.

Os textos em lista cumprem seu papel como crítica também, pois discorrem unicamente sobre as obras fragmentando-as em faixas e analisando-as. Além disso, retomando algumas condições propostas por Nestrovski (2000), estes textos identificam os componentes da obra e situam as interpretações do crítico em um contexto mais profundo.

De modo geral, podemos dizer que dentro das categorias, os textos assumem pouco da postura, proposta anteriormente por Leenhardt (2007), de mediação entre público e obra. A qual é necessária quando se está frente a uma arte que está constantemente rompendo com o estado atual de gosto. Com o advento da internet e redes sociais, os artistas hoje encontram-se, mais do que nunca, conectados diretamente com seus públicos, levando a figura do crítico a ser tornar apenas um dos múltiplos agentes de mediação. Ainda assim, as críticas analisadas trazem pouca profundidade para assumir essa posição, enquadrando-se melhor como recomendações sobre o que consumir no mercado musical.

Quanto às escolhas de temas dos textos, podemos dizer que os autores as fizeram tanto por gosto pessoal, quanto por influência de um gancho temporal. Além disso, a forte presença de ganchos garante alguma justificativa e embasamento para trazer à tona os artistas tratados. O uso de aniversários ou lançamentos, em quase todos os textos, mostra o comprometimento do veículo em trabalhar com temas recorrentes no meio cultural.

Os textos em geral, apesar de suas diferenças, apresentam uma estrutura comum. Como vimos em Braga (2006), o reconhecimento da crítica como gênero jornalístico aponta uma forma em consenso para se falar de um objeto cultural. De certo modo, todos os textos seguem essa dinâmica com contextualizações históricas, comentários sobre a carreira dos compositores e apontamentos sobre as suas obras. Essas características se mostram necessárias, segundo Braga, pois “é preciso oferecer ao leitor alguns elementos mínimos e substância do objeto para que se saiba de que se trata” (2006, p.211).

Durante a análise, o aspecto que mais pudemos perceber, foi a presença da contextualização das obras analisadas. De modo a situar seus leitores e guiá-los pelo texto, os autores discorrem, mesmo que brevemente, sobre a história do artista, do disco ou sobre o período da história em que aquilo ocorreu. Essa característica se mostrou como um dado concreto para o presente trabalho.

Além disso, descobrimos que as publicações selecionadas, em sua maioria, contam com um gancho temporal para reforçar a relevância de sua publicação. Esse uso do gancho reforça a ideia de Braga (2006) da crítica jornalística ser um gênero vinculado ao presente, pois tem a atualidade como uma de suas principais características. No caso da *Revista*, foram utilizadas principalmente datas de aniversários ou lançamentos recentes de artistas.

Dentre os textos analisados, percebemos também presente o viés de orientação de consumo, dentro de um mundo de inúmeras ofertas de produtos culturais. O ato de escrever uma crítica sobre determinado artista já é uma orientação de consumo por si só. Entretanto, certas publicações como “*12 discos que tornaram o ano de 1967 o mais marcante para o rock*”, deixam essa orientação ainda mais explícita. Isso se faz visível pois o texto indica uma seleção de álbuns considerados pelo autor como os melhores daquele ano. Em outros casos, temos também textos como “*Os 50 anos de Transa, da Caetano Veloso*”, que apresenta em seu corpo uma prévia do disco disponível pela plataforma de streaming Spotify. O fato de tornar possível que o leitor escute já dentro da página do site um pouco do disco abordado, se mostra como mais uma forma de orientação para o seu consumo.

Essa função orientadora da crítica, só se torna possível graças ao seu caráter legitimador, já apontado por Junior e Nogueira (2010). Essa característica torna o crítico um dos agentes avaliadores dentro do mercado cultural, definindo o que vale e o que não vale a pena ser consumido.

Entre os textos analisados, contudo, a maioria dos produtos culturais indicados pelos críticos já eram obras famosas de décadas atrás. Artistas como Caetano Veloso e Chico Buarque ou bandas como The Beatles e Led Zeppelin são conhecidos em grande escala e suas obras foram discutidas inúmeras vezes. Dessa forma, as publicações da *Bula* realizaram um trabalho de relegitimação desses discos, artistas e bandas que foram e ainda são conhecidos em todo o mundo. A partir disso, podemos concluir que a *Revista Bula* opta, em sua maioria, por artistas já conhecidos e não busca apresentar, pelo menos na amostra selecionada para análise, novidades no cenário musical.

Por fim, todas as críticas selecionadas para esta monografia apresentaram apenas críticas positivas sobre os conteúdos selecionados. Isso aparenta ocorrer por uma questão dos gostos pessoais de seus respectivos autores, ao escolherem sobre o que tratar, ou por serem analisados apenas artistas de grande sucesso. De toda forma, a

partir dessa posição de enaltecimento das obras, podemos afirmar que as críticas da *Revista* acabam por contribuir para a construção de uma certa hierarquia de valores dentro do mercado cultural.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta monografia pretendeu entender as características que compõem as críticas de música publicadas pela *Revista Bula*. A ideia deste trabalho surgiu a partir de uma curiosidade sobre o modo como se escreve uma crítica no jornalismo, conteúdo que não fora abordado durante o período de curso da autora desta monografia. Para isso, foram analisados 12 textos publicados no veículo e escritos por diferentes autores.

Para realizarmos a nossa análise, primeiramente nos debruçamos sobre questões relativas à conceitualização da crítica em si. Damos ênfase à crítica musical no jornalismo com os trabalhos de Junior e Nogueira (2010), caracterizando a crítica musical e o trabalho de Cousin (2020), onde elencamos as diferentes categorias de críticos.

Na segunda etapa, buscamos descobrir e estudar o que era sobre o que tratava a *Revista Bula*, nosso objeto de estudo. Após um período de observação de nove dias, descobrimos que o veículo de jornalismo cultural tinha como focos principais o cinema e a literatura. Percebemos também que, fora os temas principais, a *Revista* apresentava uma inconstância na publicação de muitas de suas seções. Um exemplo é a própria seção de música que, em períodos de meses, não recebeu atualizações. Sendo assim, havia menos espaço para as críticas musicais, ainda que houvesse número considerável das mesmas.

Na terceira etapa, selecionamos um total de 12 críticas musicais publicadas pela *Revista*. Para conseguirmos uma compreensão mais clara do nosso *corpus*, dividimos a análise em três categorias: *sobre o que fala, como fala e para quem fala*. Na primeira, buscamos entender quais eram os temas mais abordados nas críticas. Foi aqui que descobrimos a preferência do veículo por artistas do gênero MPB, dos quais os mais mencionados foram Caetano Veloso e Chico Buarque, respectivamente.

Na segunda categoria, buscamos analisar de que forma os autores colocam a sua voz pessoal e suas opiniões no texto. Aqui descobrimos que a maioria dos textos deixava transparecer as vozes de seus autores, nos quais os mesmos abordavam as suas próprias experiências com relação aos produtos criticados. Além disso, também percebemos em certos textos, a presença repetitiva de adjetivos enaltecendo as obras e denunciando a opinião do autor sobre a mesma.

Na última categoria, buscamos analisar a linguagem utilizada por cada autor, de modo a definir o tipo de público para quem se referem. Aqui, descobrimos que entre os diversos textos, encontramos desde escritas mais pomposas, voltadas para um público com maior repertório tanto musical quanto literário, até textos voltados para leitores com pouco repertório. Ainda assim, chegamos a conclusão que a maioria dos textos já espera de seus leitores algum conhecimento do tema.

A partir da nossa análise, a primeira coisa que pudemos concluir, foi que a *Bula*, não é um veículo jornalístico voltado para todos os brasileiros. Como uma plataforma segmentada, ela direciona seus conteúdos para determinados nichos culturais, como cinema, literatura e música. A partir disso, os textos publicados já partem do princípio que seus leitores tenham um certo repertório do tema a ser abordado.

No jornalismo, Braga aponta que “a crítica jornalística é um ‘gênero’, e com isso expressamos a existência de um certo tipo de texto reconhecível” (2006, p. 217). Durante a pesquisa pudemos perceber que, apesar de suas diferenças, todos os textos possuem uma estrutura comum em suas composições, apresentando contextualização e gancho temporal.

Além da estrutura, as críticas aparentam ter um viés de orientação de consumo, guiando os leitores por entre as ofertas do mercado cultural. Sempre cheias de elogios, apresentam pouca diversidade de opinião, mostrando um padrão no perfil de seus autores. Ainda assim, apesar de cumprirem com a sua função, trazem apenas artistas já consagrados, contribuindo para uma hierarquia no mercado musical brasileiro.

De toda forma, concluímos que os textos selecionados da *Revista Bula* se caracterizam como críticas musicais. Isso se dá por cumprirem a função de orientar o consumo a partir da seleção de produtos culturais e da legitimação dos mesmos. Cumprindo com o aspecto da atualidade, os textos aproximam os leitores da obra a partir da contextualização histórica e ainda proporcionam algum entendimento mais profundo da mesma.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BALLERINI, Franthiesco. **Jornalismo cultural no século 21: Literatura, artes visuais, teatro, cinema, música [A história, as novas plataformas, o ensino e as tendências na prática]**. Summus Editorial, 2015.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

BARROS, Antonio Teixeira de. A crítica no jornalismo opinativo. **Revista Universitas//Comunicação: revista da Faculdade de Ciências Sociais Aplicadas. Brasília**, v. 1, n. 1, p. 123-140, 2003.

BELÉM, Euler de França. Construção, de Chico Buarque, faz 50 anos e tocava em rádio devido ao jabá. **Revista Bula**, Goiânia, 30 mar. 2021. Disponível em: <https://www.revistabula.com/39431-construcao-de-chico-buarque-faz-50-anos-e-tocava-em-radio-devido-ao-jaba/>. Acesso em: 13 fev. 2023.

BERROGAIN, Isabela. Pioneira na internet, revista Bula celebra 20 anos de jornalismo cultural. **Correio Braziliense**, 2022. Disponível em: <https://www.correio braziliense.com.br/diversao-e-arte/2022/03/4991057-pioneira-na-internet-revista-bula-celebra-20-anos-de-jornalismo-cultural.html>. Acesso em: 22 dez. 2022.

BOLLOS, Liliana Harb. Crítica musical no jornal: uma reflexão sobre a cultura brasileira. **OPUS**, v. 11, n. 1, p. 270-282, 2005.

BRAGA, José Luiz. **A sociedade enfrenta sua mídia: dispositivos sociais de crítica midiática**. Paulus, 2006.

CIDREIRA, Renata. O prazer da crítica: entre o julgamento e a avaliação//The pleasure of criticism: between judgment and evaluation. **Contemporânea Revista de Comunicação e Cultura**, v. 18, n. 3, p. 187-202, 2020.

COUSIN, Calvin da Silva. **Crítica de cinema e acontecimento: a trajetória do filme La La Land, Cantando Estações na disputa pelo Oscar 2017**. 2020. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Informação) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2020.

DA SILVA, Marisa Torres. Jornalismo musical: estratégias enunciativas e retóricas. Contributos para uma análise discursiva. **Comunicação Midiática**, v. 9, n. 1, p. 8, 2014.

FERNANDES, Paulo. Seis álbuns essenciais do David Bowie. **Revista Bula**, Goiânia, 27 mai. 2021. Disponível em: <https://www.revistabula.com/40825-seis-albuns-essenciais-de-david-bowie/>. Acesso em: 13 fev. 2023.

_____. Tropicalia ou Panis et Circencis, o disco-manifesto que mudou a história da música. **Revista Bula**, Goiânia, 04 jul. 2021. Disponível em: <https://www.revistabula.com/41941-tropicalia-ou-panis-et-circencis-o-disco-manifesto-que-mudou-a-historia-da-musica/>. Acesso em: 13 fev. 2023.

_____. 5 Discos essenciais do Led Zeppelin. **Revista Bula**, Goiânia, 12 fev. 2022. Disponível em: <https://www.revistabula.com/48447-5-albuns-essenciais-do-led-zeppelin/>. Acesso em: 20 fev. 2023.

_____. Os 50 anos de Transa, da Caetano Veloso. **Revista Bula**, Goiânia, 21 out. 2022. Disponível em: <https://www.revistabula.com/55809-os-50-anos-de-transa-de-caetano-veloso/>. Acesso em: 20 fev. 2023.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa. In: **Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa**. 2009.

FERREIRA, Ligia Fonseca; KIMORI, Ligia. Músicas, músicos e crítica musical francesa em Mário de Andrade. **Estudos Avançados**, v. 31, p. 231-252, 2017.

FONSECA JÚNIOR, Wilson Corrêa da et al. Análise de conteúdo. **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**, v. 2, p. 280-304, 2005.

FREITAS, Ana Laura Colombo de. **A formação do gosto musical na crítica jornalística de Herbert Caro no Correio do Povo (1968-1980)**: da torre de marfim ao rés do chão. 2011. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Informação) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

FREITAS, Ana Laura; GOLIN, Cida. A crítica jornalística como mediação: um estudo da coluna Os melhores discos clássicos, de Herbert Caro, no Caderno de Sábado do Correio do Povo (1968-1980). **Revista Contracampo**, n. 23, p. 51-65, 2011.

GADINI, Sérgio Luiz. **Interesses cruzados**: a produção da cultura no jornalismo brasileiro. São Paulo: Paulus, 2009. (Coleção Comunicação)

GOLIN, Cida; CARDOSO, Everton. Jornalismo e a representação do sistema de produção cultural: mediação e visibilidade. In: BOLAÑO, César; GOLIN, Cida; BRITTO, Valério. **Economia da arte e da cultura**. São Paulo: Itau Cultural, 2010. p. 184-203.

HERSCOVITZ, H. G. Análise de conteúdo em jornalismo. In: LAGO, Cláudia, BENETTI, Márcia. **Metodologia de pesquisa em jornalismo**. Petrópolis: Vozes, 2008.

JUNIOR, Jeder Janotti; NOGUEIRA, Bruno Pedrosa. **Um museu de grandes novidades**: Crítica e jornalismo musical em tempos de internet. 2010.

LEITE, Carlos William. **Poetas do Cerrado** - Simião Mendes entrevista o poeta Carlos Willian Leite (primeira parte). Entrevista concedida a Simião Mendes. Portal

Professor Simião Mendes, 2015. Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=gtTvxcXo-4k>. Acesso em: 11 jan. 2023.

LOURENÇO, Wander. 12 maiores letristas da Música Popular Brasileira. **Revista Bula**, Goiânia, 31 jan. 2023. Disponível em: <https://www.revistabula.com/58508-os-12-maiores-letristas-da-musica-popular-brasileira/>. Acesso em 20 fev. 2023.

MARTINS, Maria Helena. **Rumos da crítica**. 2000.

MELZ, Talita. O Jornalismo literário e a importância dos elementos narratológicos: o caso da Revista Bula. In: ROCHA, Liana Vidigal; SILVA, Sérgio Ricardo Soares Farias. **Comunicação, jornalismo e transformações convergentes**. 2019. p. 36-47.

NESTROVSKI, Arthur. Um ideal da crítica. **+mais!, Folha de São Paulo**, São Paulo, 10 set. 2000. Disponível em:

<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs1009200018.htm>. Acesso em: 27 out. 2022.

NETO, Sebastião de Assis. As 10 bandas mais importantes da história do rock.

Revista Bula, Goiânia, 21 mar. 2020. Disponível em:

<https://www.revistabula.com/16727-todas-as-119-musicas-de-joao-gilberto-da-pior-a-melhor/>. Acesso em: 15 fev. 2023.

NOGUEIRA, Bruno. Por uma função jornalísticas nos blogs de MP3-Download e crítica ressignificados na cadeia produtiva da música. **Jeder Silveira Janotti Junior Tatiana Rodrigues Lima Victor de Almeida Nobre Pires (orgs.)**, 2011.

OLIVEIRA, Cassiano Francisco Scherner de. **O criticismo do rock brasileiro no jornalismo de revista especializado em som, música e juventude: da Rolling Stone (1972-1973) à Bizz (1985-2001)**. 2011.

PIZA, Daniel. **Jornalismo Cultural**. São Paulo: Contexto, 2004.

ROUSSEL, André; DUROZOI, Gérard. **Dicionário de filosofia**. 1999.

SADIE, Stanley. **Dicionário Grove de Música**. Edição concisa. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1994.

SEGURA, Aylton; GOLIN, Cida; ALZAMORA, Geane. O que é jornalismo cultural. In: **Mapeamento: o ensino de jornalismo cultural no Brasil em 2008: carteira professor de graduação**. São Paulo: Itaú Cultural, 2008. p. 70-80.

SILVA, Daniela Ribeiro da et al. **A atuação de jornalistas empreendedores na área musical**. 2019.

SILVA, Filipe Carreira da. **Habermas e a esfera pública: reconstruindo a história de uma ideia**. Sociologia, problemas e práticas, Lisboa, n. 35, 2001, p. 117-138.

TEIXEIRA, Nísio. **Impacto da internet sobre a natureza do Jornalismo Cultural**. Belo Horizonte: PUC-MG/UNI-BH, 2002.

TRAQUINA, Nelson. Teorias do jornalismo: a tribo jornalística—uma comunidade interpretativa transnacional. **Florianópolis: Insular**, v. 2, n. 2, 2005.

VIEIRA, Enio. O som e a fúria de Kurt Cobain. **Revista Bula**, Goiânia, 28 jul. 2021. Disponível em: <https://www.revistabula.com/42733-o-som-e-a-furia-de-kurt-cobain/>. Acesso em: 15 fev. 2023.

_____. Toda mulher brasileira é meio Rita Lee. **Revista Bula**, Goiânia, 08 set. 2021. Disponível em: <https://www.revistabula.com/43894-toda-mulher-brasileira-e-meio-rita-lee/>. Acesso em: 16 fev. 2023.

_____. Caetano Veloso procura a sutileza perdida do Brasil. **Revista Bula**, Goiânia, 25 out. 2021. Disponível em: <https://www.revistabula.com/45101-caetano-veloso-procura-a-sutileza-perdida-do-brasil/>. Acesso em: 18 fev. 2023.

_____. Para Elza Soares, nunca foi tarde para se reinventar. **Revista Bula**, Goiânia, 20 jan. 2022. Disponível em: <https://www.revistabula.com/47459-para-elza-soares-nunca-foi-tarde-para-se-reinventar/>. Acesso em: 18 fev. 2023.

_____. 12 discos que tornaram o ano de 1967 o mais marcante para o rock. **Revista Bula**, Goiânia, 16 fev. 2022. Disponível em: <https://www.revistabula.com/48369-12-discos-que-tornaram-o-ano-de-1967-o-mais-marcante-para-o-rock/>. Acesso em: 18 fev. 2023.

WILDE, Oscar. O crítico como artista. In: WILDE, Oscar. **Obra completa**. Tradução de José Antônio Arantes. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2007. p. 1100-1164.

APÊNDICE A – Links para as críticas do *corpus*

As 10 bandas mais importantes da história do rock

<https://www.revistabula.com/33745-as-10-bandas-mais-importantes-da-historia-do-rock/>

Construção, de Chico Buarque, faz 50 anos e tocava em rádio devido ao jabá

<https://www.revistabula.com/39431-construcao-de-chico-buarque-faz-50-anos-e-tocava-em-radio-devido-ao-jaba/>

Seis álbuns essenciais do David Bowie

<https://www.revistabula.com/40825-seis-albuns-essenciais-de-david-bowie/>

Tropicalia ou Panis et Circencis, o disco-manifesto que mudou a história da música

<https://www.revistabula.com/41941-tropicalia-ou-panis-et-circencis-o-disco-manifesto-que-mudou-a-historia-da-musica/>

O som e a fúria de Kurt Cobain

<https://www.revistabula.com/42733-o-som-e-a-furia-de-kurt-cobain/>

Toda mulher brasileira é meio Rita Lee

<https://www.revistabula.com/43894-toda-mulher-brasileira-e-meio-rita-lee/>

Caetano Veloso procura a sutileza perdida do Brasil

<https://www.revistabula.com/45101-caetano-veloso-procura-a-sutileza-perdida-do-brasil/>

Para Elza Soares, nunca foi tarde para se reinventar

<https://www.revistabula.com/47459-para-elza-soares-nunca-foi-tarde-para-se-reinventar/>

12 discos que tornaram o ano de 1967 o mais marcante para o rock

<https://www.revistabula.com/48369-12-discos-que-tornaram-o-ano-de-1967-o-mais-marcante-para-o-rock/>

5 Álbuns essenciais do Led Zeppelin

<https://www.revistabula.com/48447-5-albuns-essenciais-do-led-zeppelin/>

Os 50 anos de Transa, de Caetano Veloso

<https://www.revistabula.com/55809-os-50-anos-de-transa-de-caetano-veloso/>

12 maiores letristas da Música Popular Brasileira

<https://www.revistabula.com/58508-os-12-maiores-letristas-da-musica-popular-brasileira/>